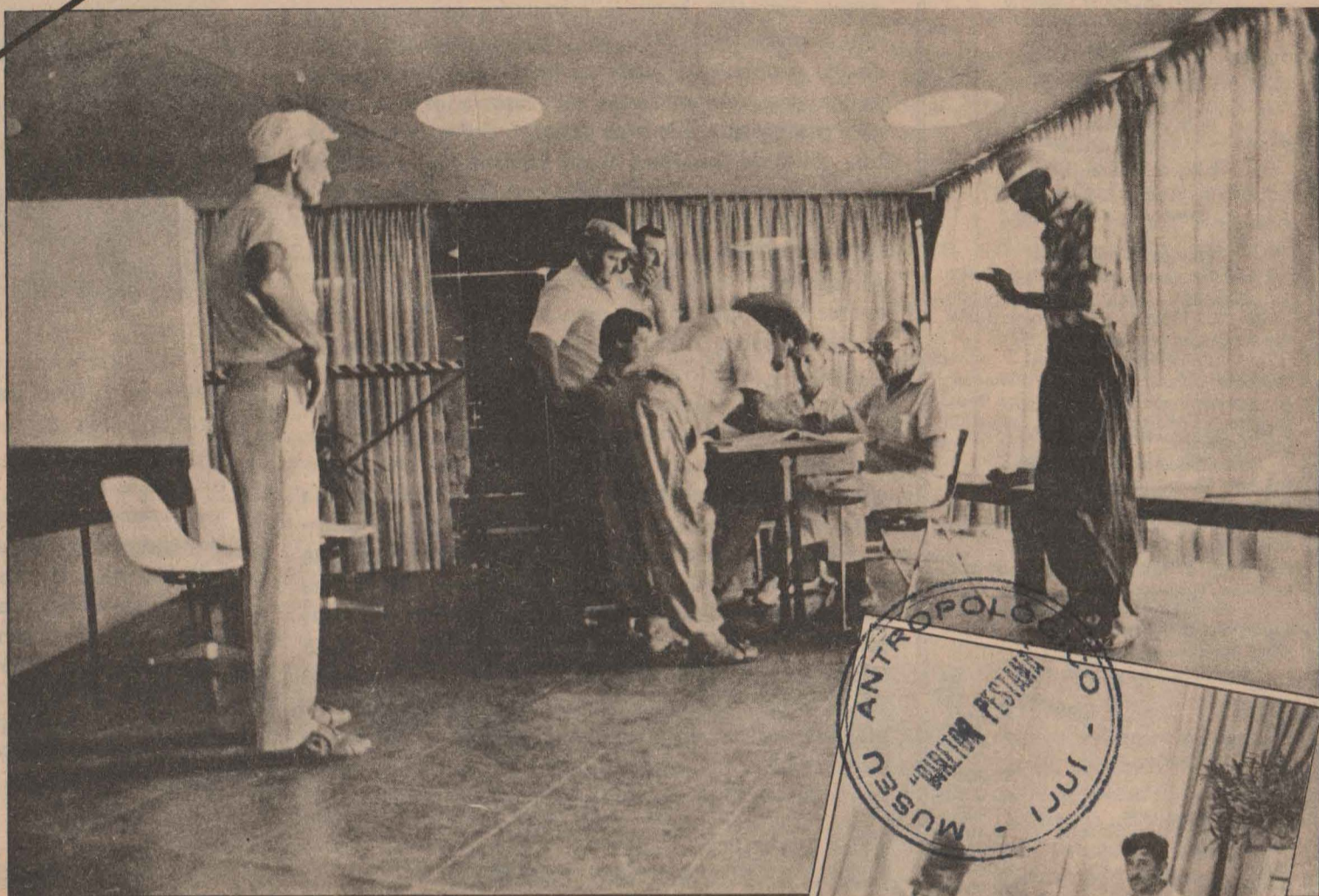




Eleições



Dois terços dos representantes escolhidos durante a eleição realizada entre os dias 3 e 9 de outubro estarão cumprindo seu primeiro mandato.

O PODER RENOVADO

Página 9

Comparação de custos no controle das ervas

Página 8

Pecuária: a segurança na consorciação de pastagens

Página 16

Previdência: mobilização dos agricultores pela aprovação de seu projeto

Última página

O eterno dilema da semente

Página 3

Levantamento definiu critérios para a distribuição de sementes

A falta de semente para a formação da próxima lavoura de soja que já começa a ser plantada está generalizada em todo o estado, principalmente das variedades semitardias e tardias, as mais atingidas pela frustração da safra passada. Como a disponibilidade de semente não era muito grande, em torno de 185 mil sacos para toda a Regional Pioneira, o que mal dava para cobrir a área cultivada nos últimos anos, a Cotrijuí estipulou alguns critérios de distribuição para poder atender todos os associados da melhor forma possível.

Estes critérios foram baseados num levantamento realizado junto ao quadro social, onde se procurou ter idéia do quanto de semente o associado estava guardando em casa para o plantio nesta safra.

De acordo com os resultados do levantamento foi estipulado um percentual de distribuição de semente em seis por cento sobre o total do produto entregue pelos associados na última safra. Isto quer dizer que o associado que entregou 100 sacos de soja, teria direito a seis sacos de sementes, desde que realmente necessitasse da sua cota. Caso a semente armazenada em casa fosse suficiente para a formação da sua lavoura, poderia desistir da sua cota em benefício de outros associados. Produtores que tiveram suas lavouras totalmente frustradas, sem colher um grão sequer, receberam sementes pois neste caso foram considerados os pedidos de solicitação de Proagro.

Outro critério de distribuição utilizado pela Cooperativa foi o do

contrato mútuo de troca, quando o associado, por ocasião da colheita, trocou grão indústria por semente. Estes produtores tiveram suas sementes garantidas. "Com este contrato", explica o Francisco Tenório Falcão Pereira, agrônomo responsável pela área de produção de sementes da Cotrijuí na Região Pioneira, "a Cooperativa pretendia se programar melhor para o futuro no que diz respeito a distribuição de sementes".

DESCONTENTAMENTOS

Como a disponibilidade de sementes a ser distribuída entre os associados era pouca, a intenção da Cotrijuí era a de cobrir apenas a área que já vinha sendo cultivada em anos anteriores. A utilização de tais critérios foi a forma mais justa encontrada pela Cooperativa para distribuir a semente, mas que nem assim agradou a todos, gerando des-

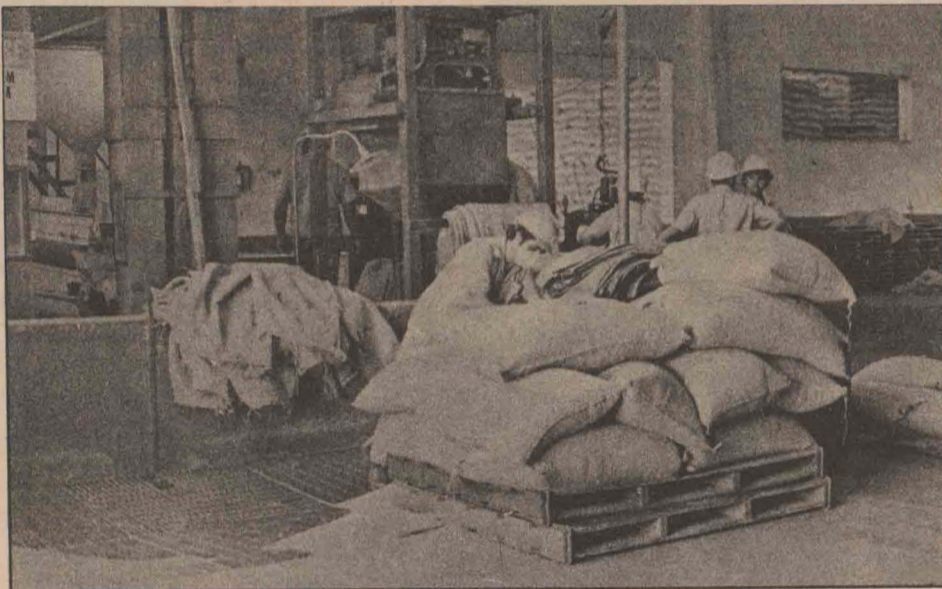
contentamentos, com reclamações de que a Cotrijuí não forneceu a semente solicitada. "É preciso entender", explica o Francisco, que muitos vieram pedir semente de algumas variedades que a Cotrijuí já havia comercializado ou então que não tinha em disponibilidade, fato que aconteceu muito com as variedades tardias. Estes associados, realmente ficaram descontentes, mas a culpa não é da Cotrijuí, se não existia a semente no mercado". Associados que adquiriram ou arrendaram novas áreas de terra na intenção de expandir suas lavouras, tiveram dificuldades em conseguir sementes. "A Cotrijuí fez o que foi possível para atender a todos os seus associados. Mas aquele associado que queria semente além da sua cota, para expandir a lavoura, teve dificuldade em ser atendido", lamenta o Francisco.

EVITAR ESPECULAÇÕES

O preço fixado para comercialização de semente de soja foi estabelecido pela Fecotriço, baseado em custos fornecidos pelas próprias cooperativas filiadas. A Cotrijuí praticou o preço da Fecotriço para 160 mil dos 185 mil sacos comercializados neste ano, com valores que variaram de Cr\$ 12.400,00 a Cr\$ 16.900,00 o saco de 50 quilos.

Como a escassez da semente no mercado se acentuava cada vez mais, a Cotrijuí decidiu a necessidade de reajustar seu preço, caindo fora do estipulado pela Fecotriço, elevando-o para Cr\$ 25.000,00 o saco. Por este preço foram comercializados cerca de 25 mil sacos, o que representa 15,62 por cento do total comercializado.

O novo preço assustou alguns associados que ainda não tinham adquirido a sua semente, mas agindo desta forma a Cotrijuí queria apenas evitar as especulações e a revenda de semente por parte de alguns associados, que aproveitando os preços compensadores oferecidos no mercado, repassaram suas sementes para terceiros ou firmas particulares. "Uma coisa precisa ficar bem clara", alerta o Auri dos Santos Braga, do setor de comercialização de sementes: "em momento algum a Cotrijuí comercializou semente de soja com terceiros ou com firmas particulares, como muita gente anda pensando. O caso aconteceu de forma diferente, com um ou outro associado repassando a semente para frente".



A fixação dos preços tentou evitar especulação com o produto

Laboratório também pode analisar semente própria

O laboratório de sementes da Cotrijuí teve renovado seu credenciamento para análise de semente própria e recebeu ainda credenciamento para também proceder análise de sementes de terceiros. A portaria que autorizou a prestação destes serviços foi assinada pelo delegado federal da Agricultura no Rio Grande do Sul, Cleber Canabarro Lucas, no dia 19 de outubro.

A novidade neste credenciamento é a possibilidade de realizar análises oficiais de sementes de terceiros. Até agora este serviço era restrito à semente comercializada pela Cotrijuí e produzida na lavoura de seus associados. As análises dos produtos de outras empresas e mesmo de associados que usam semente própria não tinham caráter oficial. "Nós apenas podíamos emi-

tir um relatório, que tinha validade técnica mas não servia como um documento reconhecido oficialmente", explica a agrônoma Ana Maria Alquatti, responsável pelo laboratório da Cotrijuí. O relatório apresentava demonstrativo de índice de germinação, pureza varietal, etc., mas não tinha o caráter de comprovação de semente fiscalizada.

SEMENTE PRÓPRIA GARANTIDA

Agora, com este novo credenciamento, o laboratório poderá emitir boletins de análise, com reconhecimento oficial. A portaria autoriza a análise de sementes de cevada, colza, feijão, milho, linho, soja, trevo e trigo. Esta medida permitirá que os produtores encontrem



O laboratório terá ampliada sua prestação de serviços

perto de casa um laboratório capaz de prestar este tipo de serviço, sem a necessidade de perder tempo e gastar com viagens para levar amostras de semente até outras regiões.

Outra vantagem deste serviço é a possibilidade dos produtores usarem sua semente própria sem o risco de não poder comprovar a qualidade da semente, caso precisem pedir indenização do Proagro por frustração da lavoura. Com a portaria 706, que desburocratizou o crédito, os produtores ficaram dispensados

de utilizar sementes fiscalizadas na formação da lavoura. Caso sofram uma frustração, entretanto, os bancos exigirão provas de que a semente empregada apresentava índices mínimos de germinação. O boletim que agora o laboratório da Cotrijuí está habilitado a fornecer, servirá como comprovante nestes casos. Assim, quem usar semente própria para fazer a lavoura pode se prevenir deste risco fazendo a análise de sua semente no próprio laboratório da Cotrijuí.

A Cotrijuí no "Quem é quem"

A Cotrijuí é apresentada como a 50ª empresa do Brasil em faturamento durante o ano de 1982, conforme levantamento da publicação "Quem é quem na economia brasileira - 1983", da Revista Visão. Levando em conta o item patrimônio líquido, a Cotrijuí fica em 103º lugar entre as 200 maiores empresas instaladas no País. Especificamente no setor de agricultura, a

cooperativa aparece como a maior empresa em patrimônio líquido, seguida da Klabin Agro Florestal, de São Paulo, e a Granja Rezende, de Minas Gerais

Este levantamento da revista Visão é realizado anualmente, mas tem suas informações restritas às empresas não financeiras, ou seja, não considera os resultados dos bancos e outras

instituições do setor. No "Quem é quem" deste ano, o maior faturamento no Brasil foi o da empresa estatal Petrobrás, que é também a terceira maior empresa em patrimônio líquido. O primeiro lugar, neste item, fica para outra estatal, a Eletrobrás (Centrais Elétricas Brasileiras), e o segundo para a Rede Ferroviária Federal. A Petrobrás Distribuidora - responsável pela dis-

tribuição dos combustíveis da empresa estatal - alcançou o segundo maior faturamento, e a Shell (uma multinacional) ficou com o terceiro maior faturamento.

O levantamento da revista aponta que as maiores 24 empresas instaladas no Brasil em patrimônio líquido são estatais, ou seja, têm seu controle acionário

nas mãos do Governo. Já as empresas do setor de petróleo foram as que conseguiram os faturamentos mais altos. Os quatro primeiros lugares neste item são de empresas do setor (Petrobrás, Petrobrás Distribuidora, Shell e Esso), e entre os 10 maiores faturamentos no período, nada menos do que seis pertencem a empresas que atuam no refino e distribuição de petróleo.

**CAÇADOR DESEMPREGADO
OFERECE SEUS PRÉSTIMOS.**



"Caramba, gente. Só porque a ICI inventou um poderoso raticida anticoagulante, de dose única, não é desculpa para tirarem o meu ganha-pão. Eu que fiquei tantas noites em claro protegendo as criações. Tá certo! KLERAT é o único anticoagulante que liquida qualquer rato com apenas uma dose. Três gramas de isca fornecem a dose letal. Tá certo! Ele mata os ratos na cidade e no campo.

Ele tem palatabilidade comprovada, amplo espectro e menor custo por rato morto. Tá certo que os agricultores e criadores não têm mais prejuízos com os ratos.

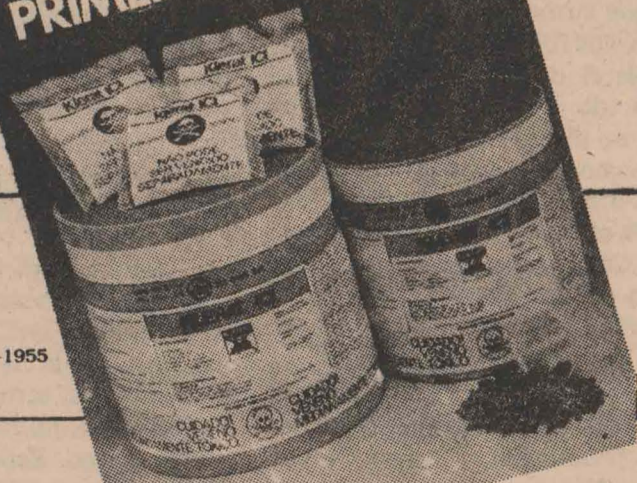
Mas, poxa, será que não dava pra sobrar alguns ratinhos para o velho caçador?

Sei não. Segundo o pessoal da ICI, nem camundongo escapa da ação de KLERAT, porque o rato morre na primeira vez que engole a isca.

Agricultores e criadores, deem uma força. Falem com a ICI.

Senão a fila de gatos desempregados cada vez aumenta mais."

**CHEGOU KLERAT.
MORTE NA
PRIMEIRA DENTADA.**



ICI Brasil S.A.

Escritório: Av. Eusébio Matoso, 891 - 2º andar
Pinheiros - 05423 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 212-1955
Telex: (011) 23806 - 24225 - Telegr. "IMPKEMIX"
Caixa Postal 30377 - 01000

Técnicos afirmam: o problema é político

Muito mais do que uma questão técnica, a conservação dos solos se tornou um problema que exige uma solução política na agricultura brasileira. Nenhuma voz destoando deste sentido foi ouvida durante o I Simpósio de Manejo do Solo e Plantio Direto no Sul do Brasil e III Simpósio de Conservação de Solos do Planalto, realizados no final do mês de setembro, em Passo Fundo. Ali se reuniram técnicos, agrônomos, estudantes e uns poucos agricultores de todo Sul do Brasil, discutindo o problema da conservação do solo e propondo algumas saídas práticas neste momento.

O conhecimento técnico já existe, além de todo saber acumulado pelos próprios produtores durante gerações e gerações. Mas o modelo agrícola do país, que induz a uma exploração irracional da terra — com duas culturas anuais, e um sistema intenso de cultivo — tem impedido que o solo seja tratado de uma maneira adequada. Os vários painelistas que participaram do simpósio destacaram o estado geral de degradação dos solos no Sul do Brasil, onde a exploração capitalista da terra tem avançado de uma forma mais rápida. A erosão aumenta em cada safra e as perdas de solo são a cada ano maiores. O reflexo direto aparece na produtividade da lavoura. Hoje, a produção da soja não se iguala mais aos resultados obtidos em 1976, o que serve como indicativo do processo de degradação dos solos, quando a cada ano se perde 60 toneladas de terra por hectare.

MUDAR A MENTALIDADE

Renato Borges de Medeiros, diretor agrotécnico da Cotrijuí, foi um dos palestrantes do encontro, onde falou sobre aspectos agrônômicos da agricultura conservacionista, destacando a importância das pastagens e dos animais para se praticar efetivamente uma agricultura que conserve o solo e a natureza. "O milagre acabou", disse o Renato, "e ele só serviu para privilegiar tecnologias seletivas, que brindaram apenas alguns produtores". O processo de modernização aconteceu de uma forma muito rápida, "através de um botão mágico que foi o crédito, direcionado para as grandes culturas e para os grandes produtores: um por cento dos produtores brasileiros ficam com 38,2 por cento de todo crédito agrícola".

Renato destacou a importância de manter sistemas integrados de produção, com animais convivendo ao lado das lavouras de grãos. "Os animais", ele lembrou, "são importantes não só pelo rendimento que podem proporcionar, mas tam-



Os técnicos concordaram que o problema é provocado por uma questão política

bém pelo que eles agregam de nutrientes ao solo. Temos que plantar forrageiras não só para depositar matéria orgânica no sub-solo, mas também para mudar a mentalidade da propriedade. É preciso ter outro estado de espírito, que vise não apenas o lucro, mas também o prazer de fazer as coisas".

O grande projetista da propriedade rural, segundo o diretor da Cotrijuí, deverá ser o próprio agricultor. "Ele tem o saber, só falta sistematizar este conhecimento. Também a pesquisa prática deveria ser feita a nível de propriedade, com a participação direta do produtor. Hoje isto não vem sendo feito porque o estímulo é dado a duas culturas, mas uma mudança nesta mentalidade vai proporcionar opções para se cultivar o solo racionalmente".

Renato também se mostrou apreensivo com a rapidez na adoção de algumas práticas de cultivo, como o plantio direto, por exemplo. "A mesma rapidez", ele lamentou "não existe na introdução de forrageiras, mas é preciso lembrar que a rapidez com que se tenta repassar as coisas acaba provocando o desajuste. Antes de começar pelo plantio direto, porque não adotar o cultivo mínimo, que é acessível para a grande maioria dos produtores?"

O LUCRO DE CONSERVAR

Os aspectos econômicos da conservação do solo foram destacados pelo agrônomo Edgar Augusto Lanzer, do Instituto de Estudos de Pesquisas Econômicas. Lanzer destacou que se o sistema econômico adotado no país privilegia o lucro, o produtor deve analisar o sistema de produção observando exatamente este aspecto. Num trabalho que ele

apresentou, ficou comprovado que a maior lucratividade no sistema de trigo e soja, analisada a longo prazo, foi obtida com a exploração menos intensa do solo. O plantio de trigo todo ano trouxe uma lucratividade de 2,44 por cento. Já o pousio no inverno, sem o plantio de trigo durante dois anos trouxe uma lucratividade de 30 por cento. A maior lucratividade do sistema foi obtida quando o produtor optou por uma adubação verde a cada segunda safra de inverno.

Lanzer destacou, entretanto, que este sacrifício de renda do produtor, mesmo podendo ser recuperado mais tarde e mostrando sua lucratividade ao longo dos anos, dificilmente pode ser assumido, neste momento, individualmente pelo produtor. Na sua opinião, a implantação de uma agricultura mais conservacionista deve ser assumida por toda sociedade:

— A forma de conseguir isto é através de um crédito de longo prazo, bem pensado, praticamente sem juros, porque esta produção é uma necessidade social. A sociedade, através do Governo, deve assumir junto com o agricultor o risco deste trabalho.

MUDAR O MODELO

Estas duas palestras, de Renato e de Lanzer, foram o fecho dos simpósios. Os primeiros painelistas falaram de aspectos mais técnicos da conservação do solo, destacando porém que a adoção de sistemas mais adequados a nossa realidade depende fundamentalmente de uma solução política que altere o modelo agrícola implantado no País. Foram mais de 50 especialistas, entre palestrantes e debatedores, que falaram a uma platéia de cerca de 500 pessoas. Eles enfatizaram a necessi-

dade de usar o solo de uma forma adequada, produzindo fundamentalmente para o mercado interno, implantando as tecnologias certas nas áreas certas. A visão foi muito dirigida para a pequena propriedade, já que a grande maioria dos produtores do Sul trabalham e vivem em reduzidas áreas de terra.

REDUZIR OPERAÇÕES

A mecanização da lavoura foi um dos pontos mais discutidos. Não houve consenso sobre a adoção do plantio direto como o sistema de cultivo mais adequado para esta região. Alguns defenderam esta prática como a única capaz de evitar o agravamento dos problemas de solos. Outros, entretanto, lembraram que esta é outra tecnologia seletiva, que pelo seu alto custo afasta a grande maioria dos produtores. A uniformidade de pensamento foi sobre a necessidade de reduzir o número de operações agrícolas para o preparo de solo, pois a passagem de máquinas é fator de compactação. Não houve discordâncias também para a necessidade de usar o solo de acordo com sua capacidade de uso. Em áreas inclinadas, por exemplo, é impossível manter uma lavoura anual, pois estes terrenos são os mais propícios à erosão. Nos declives acentuados o recomendado é manter o solo coberto por pastagens, servindo como alimentação para o gado, ou então introduzir o reflorestamento.

Produzir conservando o solo é possível com um sistema racional de agricultura, num trabalho conjunto de técnicos e produtores, encarando a terra como um bem social que deve ser preservado por todos, de acordo com a conclusão dos simpósios.

Todos os gastos com um alfafal

O custo de implantação de um hectare desta forrageira que, com um manejo adequado, pode durar até sete anos.

Quem já se deu ao trabalho de computar bem direitinho todos os gastos na implantação e manutenção de um hectare de alfafa na propriedade? Quem foi capaz de descobrir, calculando conta por conta, quanto vai custar um quilo de semente de alfafa plantada? Pois todas estas contas e números que aparecem na tabela abaixo foram calculadas pelo Luís Juliani, tecnólogo em administração rural, ligado ao departamento agrônomo da Cotrijuí, na intenção de descobrir o quanto um produtor terá de desembolsar ao implantar um alfafal na sua propriedade. O estudo mostra que, de início, o produtor terá de desembolsar uma quantia de dinheiro bastante significativa para estes tempos de crise. A vantagem é que todo este gasto é compensado

pela produção de semente e feno e ainda pelo fornecimento de pastagens aos animais da propriedade.

Para efeito de cálculo, o ciclo produtivo do alfafal foi estimado em quatro anos (tem casos que o alfafal, com manejo adequado, tem uma duração de até sete anos). O custo estimado foi feito em cima do primeiro ano e depois rateado entre os quatro anos de produção da alfafa. No caso do rateio não foi feita nenhuma projeção para os próximos anos de duração do alfafal. O Juliani lembra ainda que na formação dos custos não foi computado o custo do dinheiro (juros e taxas). Os valores que aparecem na tabela, tanto para os custos de implantação como de manutenção, foram baseados em preços válidos até 30 de setembro.

O DESEMBOLSO

De acordo com os cálculos, o desembolso de dinheiro aplicado na implantação e manutenção de um hectare de alfafa, será de Cr\$ 240.422,70. Exatos Cr\$ 94.597,05 serão gastos na hora da implantação e o restante, Cr\$ 145.826,65, na manutenção, com aplicação de defensivos, uréia, bórax e outros.

Com um custo total de Cr\$ 240.422,70 por hectare/ano, o quilo de semente plantada ficou em Cr\$ 20.035,24. No rateio não entraram os valores gastos com defensivos (Cr\$ 11.573,60) e nem com a uréia, (Cr\$ 8.740,00).

Todas as informações utilizadas pelo Juliani na elaboração do estudo, desde o tempo gasto com operações mecânicas na lavoura (gradeação, lavração) e mais

a mão-de-obra, foram baseadas em trabalhos realizados no Centro de Treinamento da Cotrijuí.

A quantidade de insumos aplicado (calcário, superfosfato, cloreto de potássio e outros utilizados na correção do solo) mais a semente e os defensivos foram de acordo com a média das recomendações técnicas indicadas nas análises de correção do solo.

OS CÁLCULOS

Para chegar aos custos de implantação de um hectare de alfafa foram considerados todos os gastos com insumos (aplicação de calcário, superfosfato, bórax, uréia, sementes e outros), e com máquinas e implementos (combustíveis, lubrificantes, peças e reparos). Ainda entrou na computação geral os gastos com mão-de-obra empregada na implantação e manutenção.

Dos Cr\$ 240.422,70 gastos na implantação e manutenção de um alfafal Cr\$ 216.025,70 são gastos com insumos (Cr\$ 86.282,10 na implantação e Cr\$ 129.743,60 na manutenção) Para o cálculo do custo dos insumos utilizados na manutenção foram considerados os gastos com cloreto de potássio, na base de 350 quilos por hectare contra 250 usados na implantação; superfosfato, 150 quilos contra 350 quilos na implantação; o bórax na base de 40 quilos contra os 30 quilos

na implantação; a uréia (50 quilos) e defensivos, na base de um litro por hectare. Neste caso, para os cálculos dos custos das máquinas, implementos e mão-de-obra, foram considerados os gastos efetivos, e não houve rateio.

Para chegar ao cálculo de utilização das máquinas e implementos, o Juliani considerou o custo da hora-máquina, incluindo o valor das peças e reparos, graxas, combustíveis e lubrificantes. Também contou o valor das operações realizadas na implantação, como aração, duas gradagens, aplicação de corretivos, locação e construção de terraços, semeadura, adubação e aplicação de defensivos. Só no trabalho com as máquinas, os gastos, tanto na implantação como na manutenção, totalizaram Cr\$ 22.071,35.

Na implantação do alfafal foram gastos cerca de 752 minutos em mão-de-obra, o que corresponde, depois de feito o rateio, a um custo de Cr\$ 680,31, por hectare. Na manutenção do alfafal foram gastos 455 minutos com mão-de-obra. Para o cálculo da mão-de-obra utilizada foram levadas em conta as horas gastas na formação e manutenção da lavoura, tomando por base o valor do salário mínimo atual.

O QUE PESA MAIS

Na computação geral dos custos de formação de um hectare de alfafa, os insumos apresentam o maior peso, representando 89,85 por cento do total dos custos. As máquinas e implementos representam 9,18 por cento, e a mão-de-obra, 0,96 por cento. Dentro dos insumos, o maior peso fica para o cloreto de potássio, que representa 27,94 por cento; logo em seguida o superfosfato, representando 20,18 por cento; o bórax, 10,76 por cento; os defensivos 9,62 por cento; o calcário 9,46 por cento; a uréia 7,27 por cento e a semente 4,12 por cento. O que menos pesa é o hiperfosfato microgranulado, representando apenas 0,49 por cento do custo.



O custo de implantação é alto, mas deve ser rateado pelo período de duração da pastagem

CUSTO DE IMPLANTAÇÃO DE UM HECTARE DE ALFAFA

ESPECIFICAÇÃO	IMPLANTAÇÃO			MANUTENÇÃO		CUSTO TOTAL	
	kg/ha	Cr\$/ha	Cr\$/ano (1)	kg/ha	Cr\$/ha (2)	Cr\$/ano (1+2)	Cr\$/kg
<i>Insumos</i>							
Calcário	10.000	91.000,00	22.750,00	—	—	22.750,00	1.895,84
Superfosfato	350	71.484,00	17.871,00	150	30.636,00	48.507,00	4.042,24
Cloreto de potássio	250	40.710,00	10.177,50	350	56.994,00	67.171,50	5.597,62
Bórax	30	16.350,00	4.087,50	40	21.800,00	25.887,50	2.157,30
Uréia	50	8.740,00	8.740,00	50	8.740,00	17.480,00	1.456,66
Hiperfosfato microgranulado	50	4.730,00	1.182,50	—	—	1.182,50	98,55
Semente	12	39.600,00	9.900,00	—	—	9.900,00	825,00
Defensivos	1 litro	11.573,60	11.573,60	1 litro	11.573,60	23.147,20	1.928,94
SUB-TOTAL (1)	—	284.187,60	86.282,10	—	129.743,60	216.025,70	18.002,15
Máquinas e Implem.	—	30.538,53	7.634,64	—	14.436,71	22.071,35	1.839,28
Mão-de-obra	752 min	2.721,23	680,31	455 min	1.645,34	2.325,65	193,81
SUB-TOTAL (2)	—	33.259,76	8.314,95	—	16.082,05	24.397,00	2.033,09
TOTAL 1 + 2	—	317.447,36	94.597,05	—	145.826,65	240.422,70	20.035,24

Obs: para efeito de cálculo do custo de um hectare de alfafa, foi estimada em quatro anos a duração da pastagem

Semeadura e manejo



Um alfafal permite cortes o ano inteiro

A alfafa é uma leguminosa perene, de clima temperado e subtropical, com capacidade de produção todo o ano. Pode ser utilizada através do pastejo rotativo, em cultivo singular ou consorciado com uma outra pastagem. Ainda pode ser fornecida aos animais triturada e misturada a alguma ração.

É bastante exigente em termos de fertilidade, requerendo solos profundos, permeáveis, ricos em matéria orgânica e com teor de acidez no mínimo 6,0 de ph (o ideal é 6,7). A semeadura pode ser realizada em duas épocas: outono (abril, maio e junho) e na primavera (setembro e outubro). O outono é considerado a melhor época de semeadura, porque a ocorrência de invasoras é bem menor e quase não existe riscos de alguma estiagem. A semeadura pode ser feita em linhas, utilizando em torno de 10 quilos de sementes por hectare, num espaçamento de 30 centímetros entre as linhas, que é considerado o espaçamento mais produtivo. A semeadura também pode ser feita à lanço, só que neste caso serão necessários 15 quilos de semente por hectare.

Normalmente os cortes devem ser feitos no inverno, início de junho e final de agosto, quando a planta estiver apresentando de 10 a

20 por cento de florescimento. Neste período os cortes são mais produtivos. Deve-se tomar cuidado para fazer os cortes de seis a oito centímetros de altura, para facilitar os rebrotos, o que também vai depender da quantidade de energia acumulada nas raízes. Se as condições climáticas forem favoráveis, é possível fazer de seis a oito cortes por ano, sempre apresentando um produto de altíssima qualidade. A capacidade de produção é de até 12 toneladas de feno por ano. A produção de sementes fica em torno de 300 quilos por hectare, dependendo em muito da polinização das abelhas e do tempo.

A correção do solo deve ser feita de acordo com a análise, mas segundo o José Luís Kessler, agrônomo responsável pela área de forrageiras na Cotrijuí, a calagem ideal deveria ocorrer um ano antes do plantio. O bórax deve ser usado durante o plantio e também durante a adubação de manutenção. Neste caso, na adubação de manutenção, a sua aplicação pode ser feita em duas etapas: a primeira no início do outono e a segunda no início da primavera. A adubação de manutenção deve ser feita após o corte da alfafa. De resto, segundo o agrônomo, é utilizar semente peletizada.

A ajuda da peletização

Sementes miúdas como a da alfafa, trevos, cornichão, entre outras, devem ser peletizadas antes do plantio. A peletização consiste em revestir toda a semente com uma capa protetora de carbonato de cálcio ou hiperfosfato. Essa capa vai proteger as bactérias adicionadas através do inoculante contra as adversidades climáticas, como falta de umidade, altas temperaturas do solo e acidez.

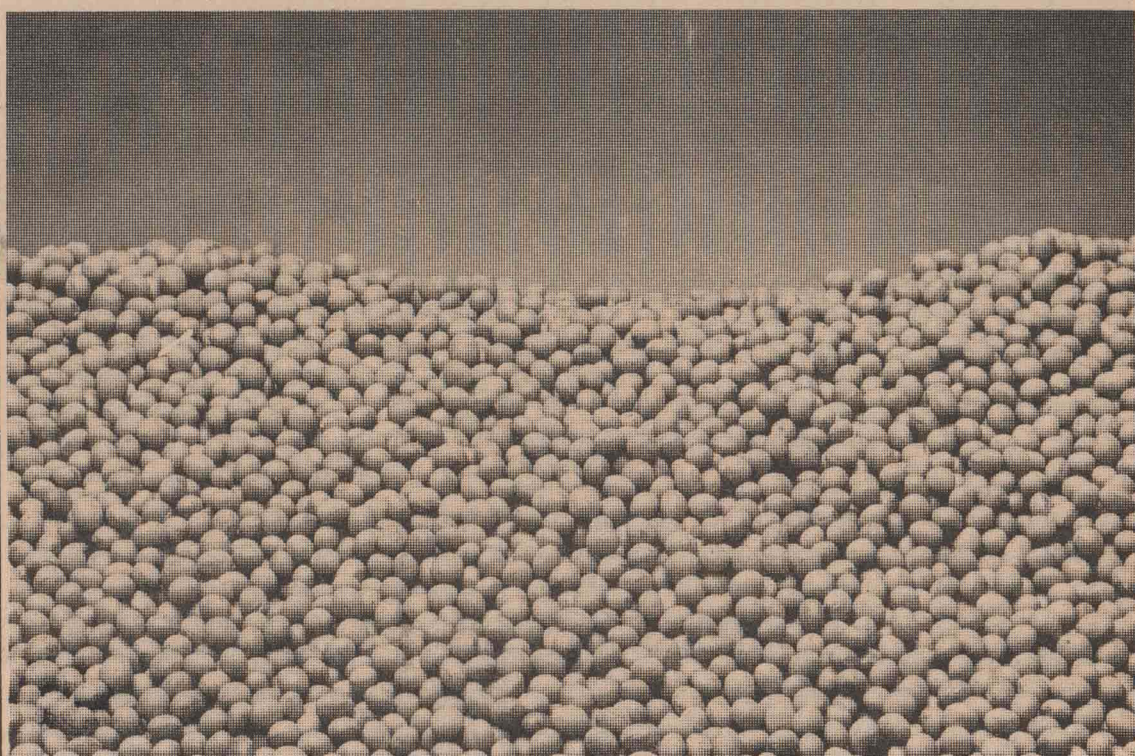
Para facilitar o trabalho do produtor que não anda muito acostumado a peletizar sua semente de forrageira, o José Luís Kessler ensina uma receita bastante simples. De início, ele aconselha o uso do polvilho como solução aderente do inoculante à semente, por três razões bastante simples: o polvilho adere melhor o inoculante à semente, protege melhor os rizóbios (bactérias) e é um produto que sai mais em conta.

A calda ou solução pode ser preparada dis-

solvendo duas colheres de sopa com polvilho num litro de água. Para facilitar o trabalho, e até melhorar a qualidade da solução, deve-se dissolver uma pequena quantidade de polvilho num pouco de água fria. Feita esta dissolução, adicionar o concentrado (água mais polvilho) no restante da água em fervura. Dar uma mexida na solução por uns cinco minutos, até que ela se torne pastosa e aderente. Ao retirar do fogo, deixá-la esfriar e adicionar a semente. Quando todas as sementes estiverem umidecidas, acrescentar o inoculante até que todas as sementes fiquem recobertas com o pó preto do inoculante (turfa) específico para cada forrageira. Aí então adiciona-se o pó de recobrimento (previamente pesado - ver tabela), que tanto pode ser o hiperfosfato (recomendado para as espécies tropicais) ou o carbonato de cálcio (para espécies temperadas). Feito todo o processo de peletização, esperar de 12 a 24 horas para realizar o plantio.

PROPORÇÕES IDEAIS DOS INGREDIENTES PARA A PELETIZAÇÃO

TIPOS DE FORRAGEIRAS (10 quilos de semente)	QUANTIDADE DE SOLUÇÃO (calda de polvilho)	INOCULANTE	PÓ DE RECOBRIMENTO
Trevo branco	1,6 litros	2 pacotes	6,4 kg
Cornichão, alfafa, trevo vermelho e trevo vesiculoso	1,2 litros	2 pacotes	5,6 kg
Trevo subterrâneo	1 litro	2 pacotes	4,5 kg



É

POUNCE* 384CE na soja dá fim nas lagartas e percevejos, dá segurança na aplicação, dá melhor colheita, dá resultado, dá sempre certo e dá sossego pra quem usa.

ISSO QUE DÁ



FMC * Divisão Agroquímica
FMC do Brasil S.A.
Rua Maria Monteiro, nº 620 - Cambuí
Telefone: (019) 52.8999 - CEP 13.100
Campinas - SP - Telex 0191439 FMCM BR

DÁ MAIS LUCRO E EFICIÊNCIA PRA VOCÊ

* Marcas Registradas da FMC Corporation

HOSPITAL BOM PASTOR S.A.

Av. David José Martins, 1.376 - IJUÍ - RS
Ao lado da Rádio Repórter - Fone 332-2690

ESTÁ ABERTO A TODA A COMUNIDADE

- Internações em caráter: PARTICULAR, IPE, UNIMED, INPS e FUNRURAL.
- Atendimento médico nas áreas de: CLÍNICA MÉDICA, CIRURGIA, PEDIATRIA, GINECOLOGIA e OBSTETRÍCIA.
- Serviço de ENDOSCOPIA e ENDOFOTOGRAFIA DIGESTIVA.
- PLANTÃO MÉDICO: Consultas nas 24 horas do dia, inclusive sábados, domingos e feriados.

O custo de controlar as ervas

Estes tempos difíceis, de falta de dinheiro, juros altos e de muita careza dos insumos utilizados na lavoura motivaram o técnico Luís Juliani, do departamento agrotécnico da Cotrijuí, a fazer um estudo comparativo de vários custos. Desta vez, o Juliani fez um levantamento minucioso de todos os gastos com a capina mecânica (usando uma capinadeira puxada por um trator), do combate às ervas daninhas através de aplicações de herbicidas e da capina manual (com uso de enxada).



A capina manual considera basicamente o custo da mão-de-obra

Para elaborar o levantamento comparativo, os cálculos foram baseados nos custos de um hectare de soja. Para chegar até os cálculos da capina mecânica e da aplicação de herbicidas, o Luís Juliani considerou coeficientes técnicos coletados em trabalhos realizados no Centro de Treinamento da Cotrijuí. O custo da hora/máquina computou os gastos com combustíveis, lubrificantes, trocas de filtros, conservação, reparos e depreciação. Foram consideradas máquinas novas, pois as usadas apresentam um custo maior, já que é preciso levar em conta os gastos de manutenção, reparos e desgastes. No cálculo da mão-de-obra, foi utilizado como referência o salário mínimo atual (Cr\$ 34.776,00), pago pelo trabalho de cada homem durante 24 dias do mês.

A capina mecânica num hectare de soja pode ser feita, em média, em 54 minutos (ver tabela), a um custo total de Cr\$ 3.669,73 por cada hectare capinado. Nos cálculos entraram os

gastos com as operações realizadas pelo trator, da capinadeira mecânica e as despesas com mão-de-obra (considerando o trabalho de dois empregados, um operando no trator e outro na capinadeira). Nos custos da capina mecânica, o peso maior fica para o trator (combustível, lubrificantes, desgastes), que representa 79,6 por cento do total dos custos. Em segundo lugar aparece a capinadeira, com 17,1 por cento. A mão-de-obra, como também acontece no caso da aplicação de herbicidas, é o que menos pesa.

OS GASTOS COM HERBICIDAS

Nos cálculos do custo de aplicação de herbicidas em um hectare de lavoura, foram considerados os gastos com o trator, com o pulverizador, com os dois produtos aplicados no combate às invasoras e com a mão-de-obra. Os dois produtos utilizados no caso foram a Trifluralina, na base de 1,5 litros por hectare, e o Sencor, usando meio quilo por hectare. A Trifluralina e o Sencor foram utilizados, respectivamente, com a intenção de controlar as ervas daninhas de folha estreita e folha larga.

De acordo com os números da tabela, o tempo médio necessário para aplicação do herbicida num hectare foi de 37 minutos. O Juliani lembra que o tempo gasto na aplicação do veneno vai depender em muito da perícia do tratorista, do desempenho das máquinas e do tipo de solo da lavoura. O custo total de um hectare foi de Cr\$ 25.230,58. As despesas com o trator foram de Cr\$ 2.216,22; com o pulverizador foi de Cr\$ 2.876,31; com a mão-de-obra, Cr\$ 221,42; com a Trifluralina, Cr\$ 4.995,38 e com o Sencor Cr\$ 14.921,25. O peso maior, portanto, fica para os herbicidas, que totalizam Cr\$ 19.916,63, representando

78,94 por cento do custo total.

O USO DA ENXADA

O cálculo dos custos da capina mecânica é a mais simples. A trabalhadora com os números é menor, mas isto não significa que saia mais em conta. Para tanto, foi considerado apenas o uso da enxada e o trabalho do capinador. No trabalho mostrado pela tabela, os cálculos foram feitos baseados no trabalho de quatro capinadores por dia, para um hectare de soja. O custo do dia, computando aqui também o desgaste da enxada, foi de Cr\$ 1.451,50. Por hectare, o custo parou em Cr\$ 5.806,00. O tempo gasto na capina é bastante variável e vai depender em muito da incidência de inços na lavoura. O número de capinadores também pode variar.

O estudo considerou o trabalho de quatro homens como forma de melhor demonstrar os custos. O produtor pode utilizar um número ainda maior ou menor de homens, dependendo da infestação e do estágio de desenvolvimento do mato. Assim como na aplicação de herbicidas ou no uso da capinadeira, também o tempo gasto na capina manual é bastante variável e depende de muitos fatores.

Todo o levantamento feito pelo Luís Juliani tem a intenção de servir apenas como demonstrativo de custos de cada operação. "A nossa intenção", explica melhor, "não é a de dizer qual operação é mais econômica. Queremos apenas municiar o produtor de dados, para que ele, dependendo da disponibilidade de máquinas e implementos na propriedade, da mão-de-obra, do estágio de desenvolvimento das ervas daninhas, possa optar por esta ou aquela operação. A decisão final deve ficar com o produtor. As tabelas servem apenas para orientá-lo".

CAPINA MANUAL

OPERAÇÃO	DIAS TRABALHO POR HA	MÃO-DE-OBRA/Cr\$	
		Por dia	Por ha
Capina manual	4 homens dias	1.451,50	5.806,00

OBS: No custo da mão-de-obra foi considerada também a depreciação da enxada.

CAPINA MECÂNICA

OPERAÇÃO	Horas Trabalho Por Hectare	Trator - Cr\$		Implementos - Cr\$		Total - Cr\$	
		Por hora	Por ha	Por hora	Por ha	Por hora	Por ha
Capina - trator	54 min	3.226,00	2.921,11	-	-	3.626,00	2.921,11
Capinadeira 6 linhas	54 min	-	-	567,00	456,78	567,00	456,78
Mão-de-obra	-	181,13	145,92	181,13	145,92	362,26	291,84
TOTAL	-	3.807,13	3.067,03	748,13	602,70	4.555,26	3.669,73

APLICAÇÃO DE HERBICIDA

OPERAÇÃO	Horas Trabalho Por ha	Trator - Cr\$		Implementos - Cr\$		Total - Cr\$	
		Por hora	Por ha	Por hora	Por ha	Por hora	Por ha
Aplicação herbicida trator	37 min	3.626,00	2.216,22	-	-	3.626,00	2.216,22
Pulverizador	37 min	-	-	4.706,00	2.876,31	4.706,00	2.876,31
Mão-de-obra	-	181,13	110,71	181,13	110,71	362,26	221,42
Herbicidas:							
Trifluralina (1,5l/ha)	-	-	-	-	-	-	4.995,38
Sencor (0,5kg/ha)	-	-	-	-	-	-	14.921,25
TOTAL	-	3.807,13	2.326,93	4.887,13	2.987,02	8.694,26	25.230,58



Grandes mudanças entre os representantes

O resultado das eleições dos representantes da Cotrijuí traduziu o desejo de renovação na estrutura do poder em experiência na cooperativa desde 1979. Afinal, cerca de dois terços dos eleitos não fazem parte do grupo que vinha atuando desde dezembro de 1980, quando ocorreu a segunda eleição de representantes. Agora, durante o período de votação entre os dias 3 e 9 de outubro, apenas 36 por cento dos representantes foram confirmados no cargo pelos demais associados,

significando uma renovação de 64 por cento dos representantes da Cotrijuí.

A tendência não foi a mesma em todas as regiões. Em Dom Pedrito, por exemplo, a renovação foi de apenas 40 por cento. Seis dos 10 representantes da Regional foram reeleitos. Já no Mato Grosso do Sul, a mudança foi mais significativa: a renovação atingiu 79 por cento do grupo de representantes eleitos em 1980. Na Região Pioneira foram

reeleitos 39 por cento dos representantes. A mudança mais expressiva foi na unidade de Chiapetta, que reelegeu apenas um dos seus cinco representantes, como indica o quadro geral de participação publicado abaixo.

PARTICIPAÇÃO NAS URNAS

No total, votaram 4.937 dos 14.326 associados aptos a votar. Apenas podiam participar das eleições os associados que operaram com a cooperativa, comercializando

sua produção, entre março de 1982 a fevereiro de 1983, período relativo ao último exercício da Cotrijuí. Este número representa um índice de 45 por cento de votantes, e é inferior aos 60,58 por cento de participação registrado na eleição realizada em 1980.

Isoladamente, a unidade de Santo Augusto apresentou o maior percentual de votação: 66,32 por cento, superior inclusive à votação de 1980, quando foi registrado um índice de 65,58 por cento. A votação também cresceu em Dom Pedrito, com 38,78 por cento de votantes contra os 36,28 por cento alcançados em 80, e em Sidrolândia, com 46,26 por cento contra os 29,33 por cento da penúltima eleição (um acréscimo de 57,3 por cento na participação). O comparecimento às urnas foi praticamente igual no Mato Grosso do Sul e na Região Pioneira, com a pequena vantagem de 0,1 por cento para o Mato Grosso.

Os novos representantes (veja a relação na página 12) tomarão posse numa reunião conjunta com os representantes atuais, marcada para o final do mês. Durante este encontro eles farão uma avaliação geral das eleições, discutirão propostas de trabalho e tentarão aprofundar uma análise sobre as funções que terão para desempenhar durante seu mandato.

QUADRO GERAL DE PARTICIPAÇÃO – ELEIÇÕES DOS REPRESENTANTES – 1983

UNIDADES	Total de associados	Aptos a votar	Não aptos a votar	Votaram	Votos válidos	% de votantes	Nº repres.	Nº re-eleitos	Nº re-novados
Ijuí	3.737	3.226	587	1.534	1.471	47,00%	25	10	15
Ajuricaba	1.398	1.203	195	527	491	43,89%	9	3	6
Augusto Pestana	1.365	1.243	179	698	602	56,15%	9	4	5
Jóia	754	615	139	182	177	29,59%	5	2	3
Santo Augusto	1.311	1.063	256	705	663	66,32%	9	2	7
Chiapetta	713	520	197	281	262	54,46%	5	1	4
Coronel Bicaco	802	703	165	410	388	58,32%	5	2	3
Tenente Portela	3.425	2.702	729	1.068	999	39,52%	23	11	12
Total Pioneira	13.505	11.281	2.447	5.405	5.053	48,00%	90	35	55
Dom Pedrito	1.447	1.084	1.055	422	404	38,78%	10	6	4
Maracaju	889	404	542	179	173	44,30%	6	3	3
Sidrolândia	285	214	109	99	99	46,26%	2	—	2
Rio Brilhante	683	387	297	199	197	51,42%	5	—	5
Dourados	1.256	798	456	287	285	35,96%	8	—	—
Caarapó	210	—	—	—	—	—	1	—	—
Bonito	190	158	31	99	99	62,60%	1	—	1
Total MS	3.892	1.961	1.435	863	853	48,10%	23		11
Total Geral	18.860	14.326	4.937	6.690	6.310	45,00%	123		70

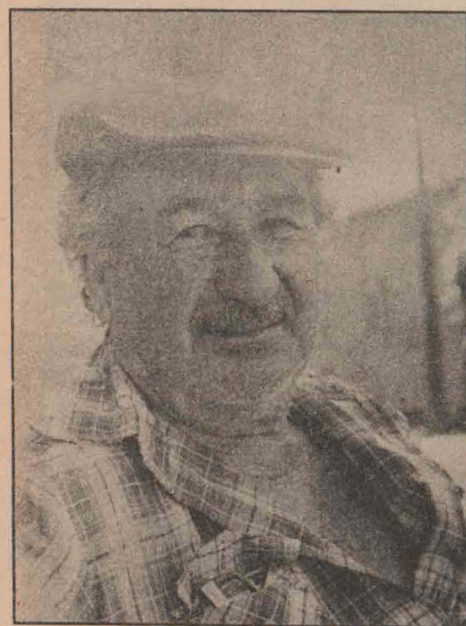
Os associados av

Durante os dias de eleição foram ouvidos associados de todas unidades da Região Pioneira que compareciam aos locais de votação. Perguntamos qual seria sua posição caso o plebiscito marcado para o ano que vem acontecesse agora. Seu voto seria a favor ou contra a continuidade do sistema de representatividade? Perguntamos ainda qual o tipo de associado que pode atuar como representante, e também solicitamos uma avaliação sobre o trabalho da nova Estrutura do Poder da cooperativa, que já está em experiência desde 1979.



Josué Bogado da Rosa

Josué Bogado da Rosa — Vila São Pedro, Coronel Bicaco: "Nem pensaria duas vezes e votaria a favor num plebiscito, pois o trabalho está andando e a experiência está sendo muito válida. Considero o representante uma pessoa muito especial, que economiza nosso tempo e como intermediário leva nossas reivindicações até a direção da cooperativa. O representante ideal deve ser uma pessoa que se destaque no corpo social, com condições e facilidade de diálogo, e muita vontade de trabalhar. Deve reunir os associados, sempre que possível, para discutir os problemas e chegar mais perto das idéias da comunidade. Uma coisa que precisamos cobrar mais dos nossos representantes é um melhor entrosamento com o quadro social, pois eles não podem agir sozinhos. Foram eleitos para nos representar e levar nossa palavra, nossas reivindicações e sugestões para a direção da cooperativa".



Dario Padoin

Dario Padoin — Salto, Ijuí: "Eu votaria a favor, mesmo reconhecendo que houve muitas falhas nestes anos de experiência, o que levou muito representante a se desinteressar pelo trabalho. Mesmo assim, a experiência foi válida e deve continuar. O representante é muito importante, porque é eleito pelo povo da comunidade para ser o porta-voz dos seus problemas dentro da cooperativa. Tratado e discutido o problema, ele deve trazer satisfação do que foi tratado e decidido nas reuniões com a diretoria. Se não fizer isto, o povo meio se desilude e não acredita mais na sua representatividade. As reuniões começam a se esvaziar porque o povo está



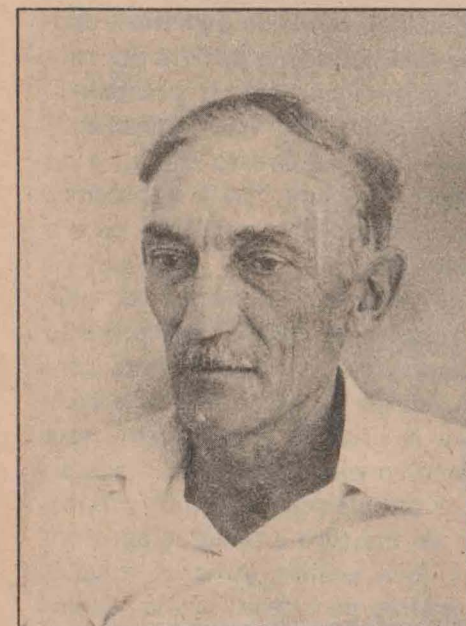
Balbino Pereira dos Santos Netto

vendo que os problemas não estão sendo resolvidos. Fora isto, vejo que o representante precisa ter voz ativa e ser melhor informado do que ocorre dentro da cooperativa. Se está faltando semente de soja, por exemplo, ele tem que saber a razão, e levar a informação até o povo. Ele tem que ser o despertador do povo. Tem que assumir compromisso com o povo e também ter muito tempo para participar de tudo quanto é reunião, para andar bem informado".

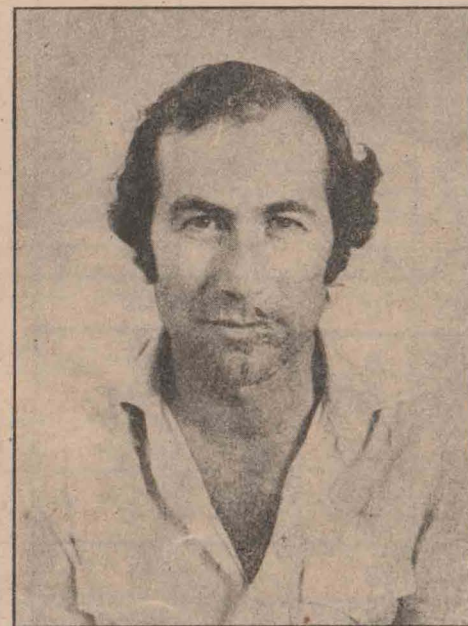
Balbino Pereira dos Santos Netto — Herval Seco: "A figura do representante é muito importante, só não sei se realmente ele tem voz ativa e está sendo ouvido pela direção da cooperativa. O meu medo é que o seu trabalho não esteja sendo reconhecido, e eles estejam sendo apenas figurativos. Por isso acho que a figura do representante precisa ser melhor avaliada. No mais, é muito melhor se ter mais gente envolvida nas decisões da cooperativa. Por isso eu votaria a favor, caso hoje acontecesse um plebiscito. O representante poderia evitar a concentração do poder e mais gente se envolveria na administração. Não podemos deixar que meia dúzia de pessoas tomem as decisões. O representante deve se identificar com as suas bases, levar problemas e também subsídios recolhidos junto às bases para encaminhar à direção. De-

pois deve voltar e trazer os resultados, contar se foi ouvido ou não. Também deve andar bem informado do que ocorre dentro da cooperativa. Se fizer tudo isto, ele terá condições de levantar em qualquer reunião, apresentar proposições, e até ajudar a cooperativa a resolver algum problema".

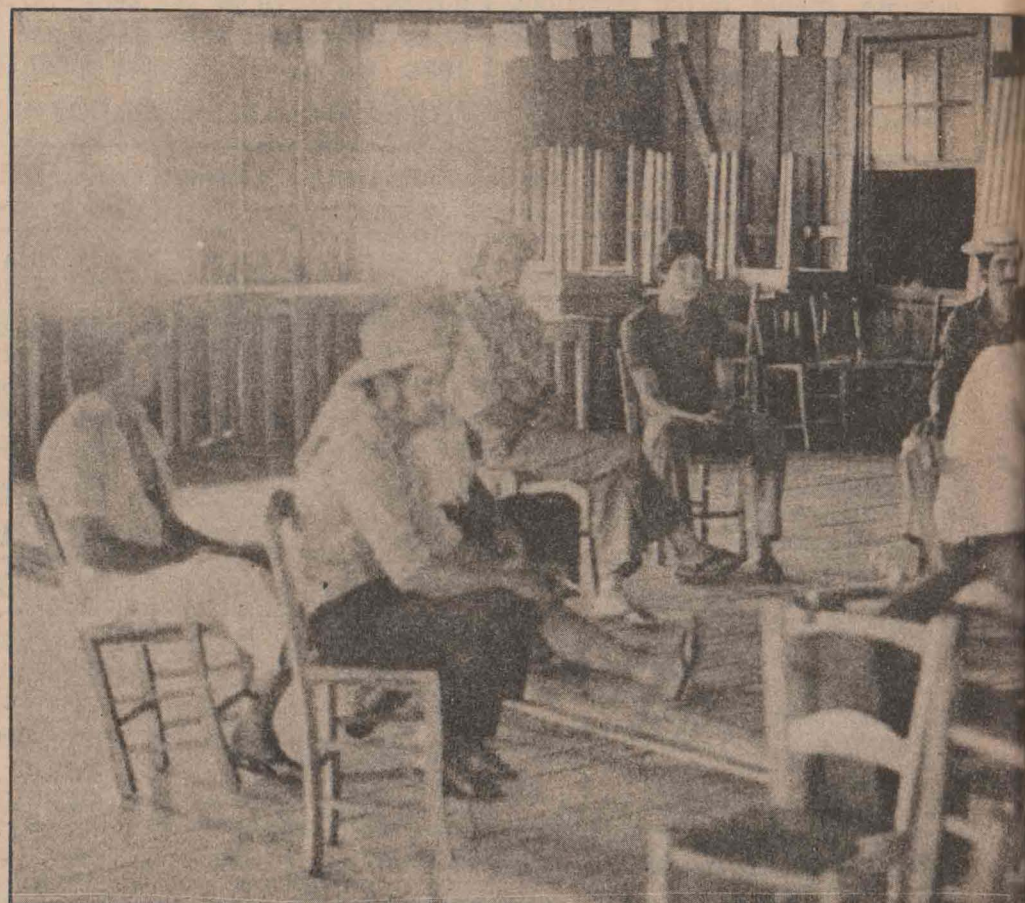
Oswaldo Bremm — Bom Princípio — Augusto Pestana: "Hoje eu votaria contra a continuação do sistema de representante, porque me sinto um tanto frustrado e não vejo resultado nenhum. Pelo que se vê, o representante está sendo consultado só para resolver coisinhas, em assuntos que não interessam muito. Deveria ser consultado é nas horas de decidir os investimentos. Se o representante existe com a finalidade de resolver coisinhas, eu votaria contra. Hoje eles ficam sabendo das coisas depois dos negócios realizados. Não sei então qual o nosso interesse em ter pessoas só para escutar o que direção diz. Eu votei agora para representante porque é importante o associado participar. Para aprovar o sistema, porém, tem que mudar alguma coisa, e o representante ter mais voz ativa dentro da cooperativa. Deve ser uma pessoa com um pouco de cultura e boa vontade de trabalhar, e não só aceitar a função pela honra de ser representante. Deve vir nas reuniões



Oswaldo Bremm



Clementino Sperotto



O deslocamento das urnas para várias localidades do interior facilitou o exercício do voto para

aliam o sistema

dos núcleos transmitir o que ouviu nas reuniões de representantes, pois muitas vezes o representante não está bem informado e não consegue responder aos associados”.

Clementino Sperotto — Linha 21 — Ajuricaba: “Hoje eu votaria a favor, porque é um meio mais fácil de fazer as assembléias e os associados apresentar as suas idéias. Existem alguns problemas, que a gente vê que os associados estão um pouco distanciados. Não sei bem o que está havendo, mas se viu nestas eleições que mesmo com todo um roteiro de reuniões, programas no rádio, muito associado veio votar sem saber direito o que estava fazendo, com muitas dúvidas sobre em quem votar. No meu modo de ver, alguma coisa não está correspondendo. Acho que o representante ideal deve ser uma pessoa em primeiro lugar cooperativista. Deve também ter o dom de comunicação, e se dedicar a esta atividade. Também precisa ser uma pessoa de boa conduta, que trouxesse tudo aquilo que o associado espera da pessoa votada. Se na reunião que ele faz na sua base é decidido uma coisa, ele deve lutar até o fim por este pensamento da base, e não chegar na reunião com os outros representantes e cair junto em outra proposta. Precisa ser fiel até o fim com a sua base”.

João Doraci da Conceição — Esquina Santo Antônio, Jóia: “Eu entendo que o representante é uma maneira mais fácil do agricultor saber o que está acontecendo, e ao mesmo tempo externar o que está pensando.

E que o representante sendo um conhecido, um vizinho, se tem mais franqueza em expor um problema. Eu votei em todas as eleições para representante, e agora também votaria a favor de continuar esta estrutura do poder. Este é um jeito de ter mais possibilidade de ficar informado sobre o que está acontecendo dentro da cooperativa, e também da direção tomar mais contato com as aspirações dos associados. Esta tarefa acho que não é fácil, porque os interesses e as necessidades divergem de uma unidade para a outra, as reivindicações são diferentes. Se com o representante não está sendo fácil, sem ele acho que seria mais difícil, com a direção ainda mais afastada dos associados”.

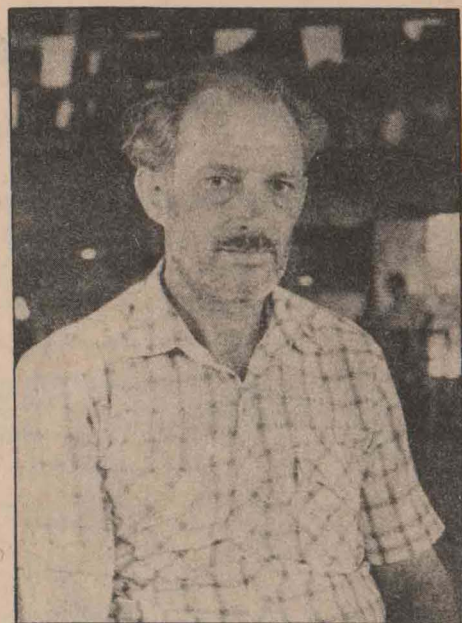
Olmiro Callai — Belo Horizonte, Tenente Portela: “Neste tempo em que atuei como representante, senti muito a falta de um melhor entrosamento entre a cooperativa e o representante, que precisa ser melhor informado do que ocorre na cooperativa para poder informar aos demais associados. Acho que o representante deveria ficar por dentro de muito mais coisas relacionadas com decisão da diretoria, pois afinal é eleito para ajudar na administração. Se houvesse um plebiscito em seguida, eu votaria contra, pois estou vendo que o representante anda muito desacreditado e o associado está demonstrando pouco interesse pelo representante. Apesar de tudo, achei que a experiência está valendo, mas se o povo não está contente e nem vendo resultados, para que continuar? Não adianta insistir”.

Olívio Hoppen — Linha São José, Chiapetta: “Eu votaria sim no plebiscito, porque o representante sempre está no meio do povo e sente melhor para se comunicar. Muito colono vai numa reunião e não fala, mesmo que sinta muita coisa. Fica constrangido e quieto, sem dar sua opinião. Com o representante ele fala mais coisas, e conta o que pensa. Pelo meu ver, o sistema está funcionando mais ou menos bem, e as principais falhas que o colono debate são as primeiras que os representantes levam para as reuniões. Muita coisa não pode ser mudada, pois a situação no geral está péssima e uma coisa puxa a outra. O representante pode dar muitas linhas para o associado que não está bem a par de muitas coisas da cooperativa, e isto é muito importante. Acho que o representante deve ser uma pessoa atuante dentro da cooperativa, um pouco mais desenvolvida nos pensamentos, que conhe-

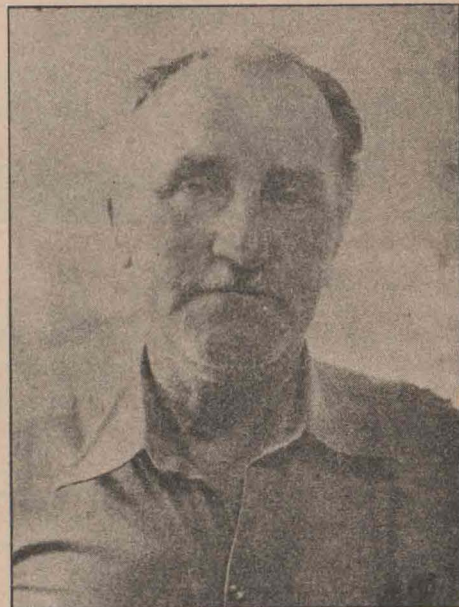
ça as normas de funcionamento da cooperativa. Tem que ser também pessoa de bom caráter, que pense para o futuro da cooperativa e do associado”.

Laura Brandt Haase — Lajeado Tigre, Tenente Portela: “Vim votar que é para fortalecer a cooperativa. Acredito muito no representante, e acho que ele tem feito muita coisa em favor dos demais associados. Ele tem que ser um líder nato, ter boa conduta, merecedor da confiança dos demais, e saber levar os problemas dos associados até a cooperativa”.

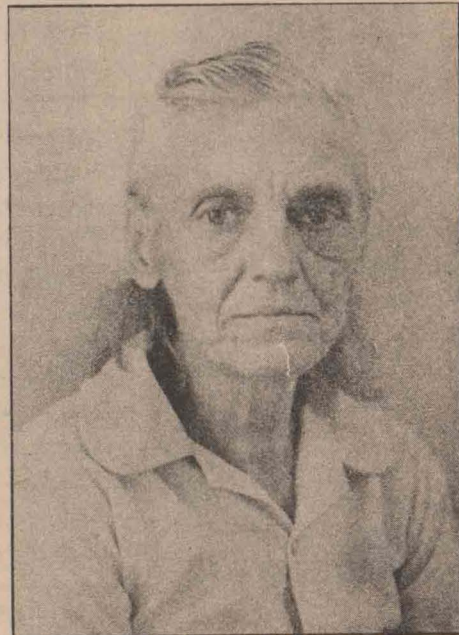
João Carlos Stival, Santo Augusto: “O sistema é ideal, pois o representante convivendo no interior pode transmitir aos associados os principais objetivos do cooperativismo, e porque a necessidade dos associados participarem da vida da cooperativa. A cooperativa é uma estrutura muito complexa, e é difícil exigir decisões a nível de diretoria, porque os associados não tem um conhecimento profundo de tudo. Em princípio, quanto mais conhecimento tiverem, mais força os associados terão para exigir. Para debater toda esta situação, o sistema de representantes é melhor, pois mesmo em assembléia com mais de 1.000 pessoas não haveria condições de debater e decidir sobre qualquer questão. Assim, ao invés de apenas a diretoria continuar tomando as decisões, é mais válido ter os representantes, pois quanto mais idéias, maiores são as possibilidades de acerto. Por isso o representante deve ser uma pessoa desenvolta, com capacidade de comunicação, que saiba receber e transmitir as informações, que debata e exponha o pensamento dos associados. O representante deve ser também um bom associado, cumprir os objetivos da cooperativa, entregando toda a produção”.



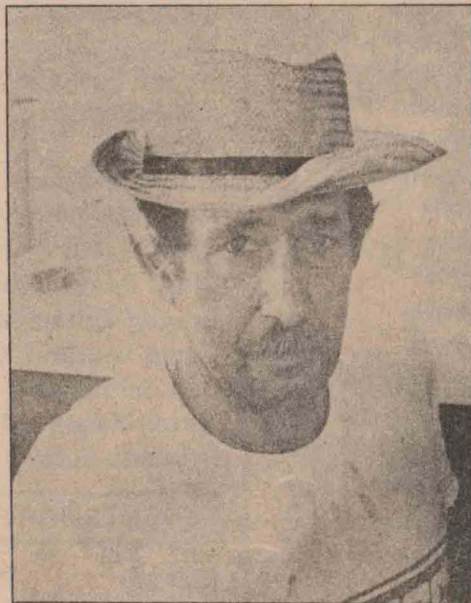
Olmiro Callai



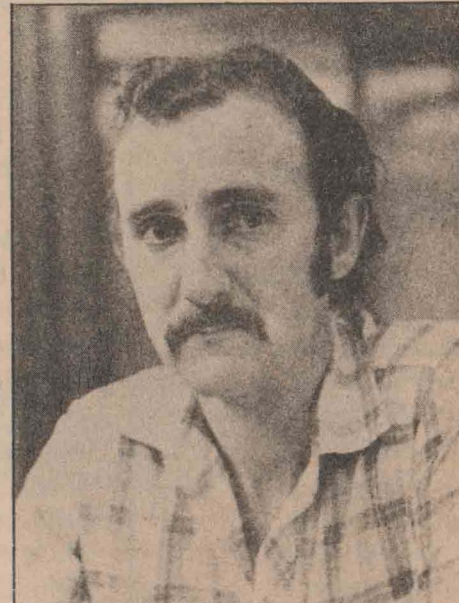
Olívio Hoppen



Laura Brandt Haase



João Doraci da Conceição



João Carlos Stival



Muitos associados

Os eleitos e seus suplentes

A relação dos 123 representantes eleitos em toda Cotrijuí é apresentada em ordem alfabética, por unidade, sem considerar o número de votos recebidos por cada representante. São indicados também, em ordem alfabética, os suplentes em cada unidade da Cooperativa.



Cada unidade fez a apuração dos seus votos

IJUI

Efetivos

Alberi Santos Noronha
Anatalino A. dos Santos
Arlindo Treter
Arno Arlindo Beck
Arno Berno
Ary Bruno Garros
Cláudio Luiz de Jesus
Egon Eickhoff
Enio Sadi Tiecher
Ervino Preissler
Eumídio Jappe
Gilberto A. Brumm
Helmuth Guth
Leonir Becker
Luiz Kusiak
Pedro Dalla Rosa
Reinoldo Dobler
Sady Reimann
Santo Antonio Dezordi
Silvino João Goi
Teobaldo Rott
Valdir Glass
Vilson Brudna
Virgílio Stochero
Vitório Alberto Muraro

Suplentes

Antenor José Vione
Arno Muxfeldt
Artur Kronemberger
Augusto da Silva
David Lorenzoni
Duílio Faccin
Edmundo Hildebrand
Egídio Bin
Erhard Kuhn
Geraldo Pedro Owegoor
Helmuth Wagner
Joaquim Lorenzoni
João Rakoski
José Cláudio Koller
Luciano Decker
Luiz Karlinski
Olando Thomas
Olino Megiolaro
Olinto Fabrin
Pedro Wichinheski

RUBEN DÁRIO CHIAPETTA

Sady Berno
Waldemar Roberto Kossa
Wendelino Martini
Zeno Foletto

AJURICABA

Efetivos

Antônio Bandeira
Arnaldo Redlich
Dair Fischer
Emílio Uhde
Floriano Breitenbach
Miguel Sapiezinski
Paulo Ottonelli
Valfrides Alves de Souza
Votalino Francisconi
Suplentes
Aquiles Albino Sangiogo
Dari Bandeira
Helvin Matter
Israel Fernandes da Rocha
Luiz Ottonelli
Orélio Toso
Ricardo Carlini
Valdir Eickhoff

AUGUSTO PESTANA

Efetivos

Bruno Schneider
Eduardo Schneider
Erno Schneider
Hardy Flory Kern
Jorge Almir Matte
Olávio Hoerle
Oscar Hoerle
Pedro Giotto
Renato Mergen
Suplentes
Affonso João Harter
Alcides Callai
Alfredo Wildner
Emílio Hasse
João Hélio Tissot
Mirto Arno Drews
Nélio Ceribola
Nerci Rhoden

CHIAPETTA

Efetivos

Antônio Bernardi Boiarski
Antonio Boiarski Lopes
Celso Maboni
Lauro Fritzen
Peri Rolim Machado
Suplentes
Alfredo Rozin
Danilo Oscar Kautzmann
Dirceu Guardalara
Protásio Lottermann
Verno Konrad

CORONEL BICACO

Efetivos

Álvaro Rotilli
Irani dos Santos Amaral
Joaquim Vieira Filho
Luiz Osvaldo de S. Lima
Waldir Gobbl

Suplentes

Antonio Baggio
Erich Breunig
Natalino Pezzini
Paulo Rigodanzo
Pedro Bizarello

JÓIA

Efetivos

Honorário Burtet
José Ataídes Conceição
Juarez Aguiar Padilha
Pedro Solano Moura
Protásio Silva Scobar
Suplentes
Ibani Kramer
Jorge Cleiton Gonzales
Oneide Burtet
Onório Bernardi
Sady Fontana

SANTO AUGUSTO

Efetivos

Antônio Lúcio Göettens
Batista Chiusa
Celso Bolivar Sperotto
Edmundo Stadler
Ivo Albino Talheimer
Jorge Alberto Sperotto
Leopoldo Tamiozzo
Nelson Bertoldo Kuss
Seli Felisberto da Silva
Suplentes
Altino Weiller
Alvorindo Polo
Canísio José Welter
Clóvis Pompeo de Mattos
Ermozil Dorneles Godoi
Irineo Tontini
Luiz Schreiber
Milton Tercílio Mariotti
Reinoldo Barscht

TENENTE PORTELA

Efetivos

Aléssio Fontaniva

ARDUINO PILATTI

Arnildo Holtz
Benjamin Bandeira
Benjamin O. Schowantz
Bernardo Arlindo Figur
Bruno Helvino Arnemann
Delarmando Portolan
Deoclides Eloy
Enio Júlio Dal'Soto
Enor Carniel
Evalth Borth
Félix Gotardi
João Santos da Luz
Luiz Fabricio
Luiz Parizotto
Mário Paludo
Nelson Coldebella
Nilson Calgato
Nilson Doneda
Orlando Furini Vicenzi
Osvaldo Wagner da Rocha
Xisto Micolino

Suplentes

Alceno Pereira
Alevino Righi
Angelin Salla
Antonio Davi Rigo
Antonio Silvestre
Celso Fontana
Cevilho José Maçallai
Darli Krug
Dorvaldo Nodari
Erno Elzembach
Ervino Arlindo Vogue
Eugênio Reimann
Guilherme Breith
Guilherme J. Kossmann
Lauro Petri
Olimiro Callai
Orides Serlla
Sebastião Pereira dos Santos
Sadi Breunig
Teobaldo Elzembach
Valdemar Bester
Valdemar Breunig
Valdir Pedro Gabriel

DOM PEDRITO

Efetivos

Abu Souto Bicca
Antônio C. da S. Neto
Arno Ricardo Wollmann
Candido de Godoy Dias
Florício Barreto
Francisco da S. Farinha
José P. Silveira da Fontoura
Luiz Salvador Forcin
Oscar Vicente Y Silva
Suleimann Guimarães Hias
Suplentes
Danúbio Mazzini Canarin
Darci Angelo Giacomini
Edelcir Carlos Comin
Jorge Everardo Peres
Leonildo Anor Potter
Otacílio Pereira Severo
Pascoal Marcelo Brandi
Sabini Virgílio Moro
Salvador F. Soares
Urbano A. Veiga Freire

DOURADOS

Efetivos

Darci Bender
Darci Potrich
Dimas Matias Arruda
Frederico Stefanello
Hermes Zeviane
José Correa
Leonésio Hall
Luiz Ferri
Remi Eidt
Suplentes
Clemente Meichique
Cristiano Liebich
Emilio Mann
Eugen Kreer
Hugo Cornachini
José Venturini
Remulo Loli Chetti
Valdemar Grut
Willy Guntzel

MARACAJU E VISTA ALEGRE

Efetivos

Antonio Abrão Zardim
Eldo Miguel Vieira
Fidêncio Antonio Vieira
Krinj Wielemaker
Mário Alberto Krüger
Pedro Valentim Seibert
Suplentes
Ake Bernard Van der Vinne
Édio Germano Drews
Jaime Basso
Lotério Berchet
Olimiro Grubert
Vilmar Alves Fialho

RIO BRILHANTE E DOURADINA

Efetivos

Claudio Pradela
Darci Aléssio
Paulo Elvin Cuel
Waldevino Celeste de Lago
Waldomiro Garcia Barbosa
Suplentes
Bernardo Sponchiado
Darlei Fiori Mends
Inácio Beungartner
Ivo Vicente Basso
Olívio Pereira de Moraes

SIDROLÂNDIA

Efetivos

Bernardino Stefanello
Paulino Stragliotto
Suplentes
Carlos Stefanello
Eurico Alves de Souza

JARDIM E BONITO

Efetivos

Henrique Bergoli
Suplente
Nercy Soares dos Santos

Produtor com maior responsabilidade

“O produtor precisa estar alerta que sua responsabilidade aumentou com as mudanças do crédito rural e da cobertura do Proagro”, destacou Roberto Paulo Schol da Silva, responsável pela análise dos pedidos de Proagro da agência do Banco Central, em Porto Alegre. Roberto esteve na Cotrijuí no início do mês de outubro, onde participou de uma reunião com funcionários da Cotrijuí dos setores técnico, financeiro e administrativo, e também representantes de bancos, escritórios de planejamento e da Emater na área de ação da Cotrijuí. Ele veio falar das mudanças introduzidas no Proagro com a alteração das normas do crédito rural que aconteceu no mês de junho deste ano, através de um pacote de medidas econômicas do governo (veja no Cotrijornal nº 105).

As principais mudanças no Proagro foram o aumento da cobertura dos prejuízos, que passou de 70 para 80 por cento do valor financiado, incluindo ainda a parcela de correção monetária que reajusta o custo financeiro do crédito tomado pelo produtor. O que fica de fora é apenas a taxa de 3 por cento de juros, que começa agora ser cobrada apenas a partir da comunicação do evento responsável pelo prejuízo (chuva, granizo, seca), e não mais desde o momento do recolhimento da receita. A indenização será calculada tomando por base o preço mínimo do produto. No caso de produtos sem a garantia do preço mínimo, o cálculo levará em conta o preço estipulado pela perícia ou pelo agente financeiro. Anteriormente, esta indenização levava em conta o preço de comercialização da safra. Roberto afirmou:

— É uma enorme mudança, que a gente espera que traga ótimos resultados. Vivemos hoje o momento da desburocratização, e muita coisa boa está sendo feita neste sentido.

RISCO DO PRODUTOR

Mas se aumentaram as garantias de cobertura, também cresceu a responsabilidade do produtor que toma emprestado recursos do crédito rural. Mesmo ficando desobrigado de apresentar notas de compra de adubo ou semente fiscalizada, estes comprovantes serão exigidos pelos agentes financeiros na hora em que o produtor recorrer ao Proagro. Quem não comprovar o uso de tecnologia recomendada, corre o risco de não ter seus prejuízos indenizados, conforme determinação da portaria 706, do ano passado, que intro-

duziu a desburocratização do crédito. Durante a reunião com o representante do Banco Central, os técnicos dos escritórios de planejamento contestaram com veemência esta portaria, acusando-a de ter afastado os técnicos da orientação das lavouras. Segundo eles, a 706 trouxe desemprego para os agrônomos e técnicos agrícolas e também é responsável por sérios problemas

de produtividade nas lavouras brasileiras. Roberto Schol contestou esta acusação, afirmando que o agricultor é livre para usar o crédito como quiser:

— Se usar mal estes recursos, entretanto, o responsável será ele mesmo. É o agricultor quem corre os riscos e por isto deve usar conscientemente os recursos e a tecnologia. Hoje um indeferimento de Proagro vai

deixar muita gente pobre, porque será preciso pagar além do valor financiado os juros calculados em cima da correção monetária. O agricultor também deve ter o cuidado de comunicar qualquer evento mais forte que possa comprometer sua produção. A taxa de perícia é um custo que não compensa ser economizado quando há dúvidas sobre a extensão do prejuízo.



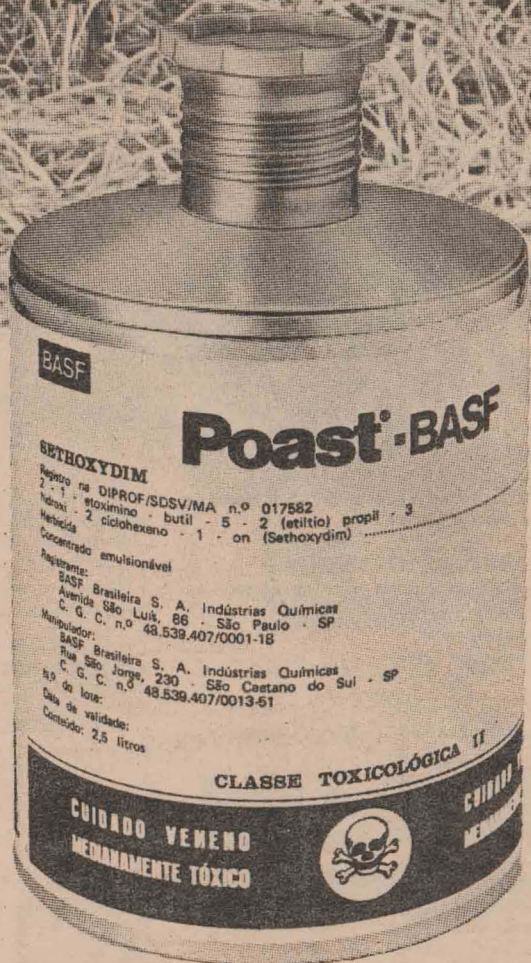
Roberto: a mudança é enorme

Mais que um herbicida, um novo conceito em agricultura.



POAST é um conceito revolucionário porque estabelece uma nova relação de convivência entre a cultura e as gramíneas. Vejamos porque: ao contrário do habitual, deixa-se crescer a gramínea junto com a cultura para, mais tarde, aplicar POAST. Após a aplicação, a invasora vai morrendo e se transforma em cobertura morta, que diminui os riscos de erosão, mantém a umidade correta no solo e protege contra os efeitos do calor excessivo, além de reprimir a emergência de novas invasoras. POAST controla eficientemente as gramíneas em qualquer estágio, sendo altamente seletivo para a soja ou qualquer planta que não seja gramínea, ainda que em dosagens maiores que as recomendadas.

Faz do mato inimigo, seu aliado.



Tecnologia BASF impulsiona na produção agrícola

CUSTEIO DO PROAGRO

Nº de indeniz.	Limite de cobertura		
	80%	90%	100%
0	1%	2%	3%
1	2%	3,5%	5%
2	7,5%	10%	12,5%
3	11%	15%	18,5%

Ijuí: a Feira do aniversário

Duas Feiras, a de Hortigranjeiros, Produtos Coloniais e Artesanato Rural e a 3ª Feira Livre de Animais, Implementos Agrícolas e Veículos Usados, realizadas no Parque Regional de Feiras e Exposição Assis Brasil, dia 17 de outubro, marcaram o início das festividades dos 93 anos de emancipação política de Ijuí. As festividades prolongaram-se por toda uma semana, com programações bastante variadas.

Apesar da chuvarada que caiu durante todo o domingo, a movimentação foi grande no Parque Assis Brasil, onde cerca de 30 estandes colocavam à venda, diretamente ao consumidor, desde produtos hortigranjeiros, até queijos, salames, natas, doces, compotas, schimiers, pé-de-moleque, trabalhos em cerâmicas, crochê, e pintura em tecidos. A Feira de Hortigranjeiros foi uma promoção conjunta da Prefeitura Municipal, Cotrijuí, Emater, Escola Fazenda Assis Brasil, Associação Comercial e Industrial, Unijuí e Centro de Saúde. Os resultados foram considerados excelentes, principalmente no que diz respeito a colabora-



Negócios realizados sem nenhuma intermediação

ção do povo, que mesmo com um dia chuvoso, compareceu à Feira, adquirindo a maioria dos produtos expostos.

A 3ª Feira Livre de Animais, Implementos Agrícolas e Veículos Usados foi a mais prejudicada pelo tempo, que impediu que um número maior de animais fossem expostos. Mesmo assim, os resultados foram considerados bons. As negociações foram realizadas entre vendedores e compradores, sem nenhuma intermediação.

UMA AMOSTRA DO CTC

A Cotrijuí participou das comemorações de aniversário do município com uma amostra de todo o trabalho que vem sendo realizado no Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana. No estande do CTC foram apresentados os trabalhos de criação de galinhas caipiras, de piscicultura, de pastagens e de outros experimentos realizados pela Cotrijuí, naquele Centro.

Eleições nos sindicatos

O final deste ano está sendo marcado por eleições em vários Sindicatos de Trabalhadores Rurais na área de atuação da Cotrijuí. No dia 19 de outubro aconteceu a eleição em Ajuricaba, reconduzindo Luiz Otonelli para a presidência da entidade, acompanhado de Leonides Dallabrida (secretário) e Clementino Sperotto (tesoureiro).

Em dezembro acontecem eleições em Ijuí e em Augusto Pestana. Dia 4, um domingo, os pequenos produtores e assalariados rurais de Ijuí deverão votar na chapa formada por Carlos Karlinski, que concorre à reeleição como presidente, Arno Beck (secretário), e Euclides Marino Gabbi (tesoureiro), que pela primeira vez concorrem a cargos da diretoria efetiva do Sindicato de Ijuí. A eleição em Augusto Pestana acontece uma semana mais tarde, no dia 11. A diretoria efetiva da chapa é formada por Alberto Antônio Bauer (presidente),

Bruno Van der Sand, (tesoureiro) e Valdenor Bernardi (secretário).

Mesmo existindo apenas uma chapa para concorrer à eleição, é muito importante a participação de todos associados dos sindicatos neste processo de votação. Por exigência legal, é necessário que pelo menos 80 por cento dos associados aptos a votar participem da eleição. Do contrário, será preciso repetir todo processo, o que exigirá mais tempo e dinheiro dos sindicatos que estão na época de eleger sua diretoria. Na eleição em Ajuricaba este quorum foi alcançado, com quase 650 votantes entre os aproximadamente 800 associados em dia com o pagamento de sua mensalidade.

Para facilitar o processo de votação, os sindicatos de Ijuí e Augusto Pestana levarão urnas para os núcleos do interior, permitindo que o maior número de agricultores tenham participação ativa nas eleições.

Primeira vitória na luta pela pensão das viúvas

A Previdência deverá pagar pensão para as mulheres de agricultores que ficaram viúvas antes de maio de 1971, data em que foi publicada a lei complementar nº 11, do Funrural, que instituiu alguns benefícios da previdência rural. Pelo menos um recurso neste sentido encaminhado pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais de Ijuí foi julgado procedente pela primeira Junta de Recursos da Previdência, em Porto Alegre, que deu parecer favorável ao pagamento de pensão para a senhora Frida Sklar, de Povoado Santana, que ficou viúva em julho de 1970. A questão agora será ainda julgada pela Junta Superior da Previdência, no Rio de Janeiro.

O Funrural vinha se negando todos estes anos a pagar pensão para as viúvas de antes de 1972, data estabelecida na lei para o início do pagamento deste benefício. O caso da dona Frida Sklar, por exemplo, foi encaminhado inicialmente ao agente de Funrural em Ijuí, que alegou que a viúva não teria direito à pensão por seu marido ter falecido antes do início de 1972. Foi aí que o Sindicato encaminhou recurso para a primeira junta, recebendo um parecer favorável. No julgamento da causa foi considerado que o texto da lei complementar número 11 fixa a data de 1972 para o início do pagamento da pensão, mas não estabelece que o direito da

pensão fica restrito às viúvas de depois desta data.

GANHO DE CAUSA

Mirko Frantz, secretário executivo do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Ijuí está muito confiante num resultado final favorável às viúvas dos agricultores. Ele conta:

— A Junta Superior de Recursos já vinha dando ganho de causa para os casos de viúvas depois de maio de 1971. O INPS entrou com recurso se negando a pagar, mas não há notícias de quem em casos semelhantes a Junta Superior tenha voltado atrás em sua decisão.

Caso não se consiga favoravelmente uma decisão dentro da própria Previdência há ainda a possibilidade de recorrer à Justiça Civil, como conta o Mirko. Isto aconteceu com alguns casos de Minas Gerais, quando os juízes decidiram a obrigatoriedade do pagamento de pensão. Assim, já existe jurisprudência (decisão anterior favoravelmente na justiça), o que garante também o ganho de causa.

Além deste recurso, foram encaminhados pelo Sindicato 12 outros processos semelhantes, que deverão encontrar o mesmo parecer da primeira junta de recursos. Depois, é só aguardar o pronunciamento final e favorável, acabando com a injustiça provocada pela má interpretação da própria lei.

Bentafluid^{MR} BR 3M

O Multi-Herbicida para a Soja



BENTAFLUID BR, o Multi-Herbicida pós emergente para a soja, é a sua melhor escolha. Veja porque:

PÓS EMERGENTE E AMPLO ESPECTRO

É o único produto que controla ao mesmo tempo as principais ervas daninhas:

- Marmelada ou Papuã
- Leiteiro ou Amendoim bravo
- Picão preto
- Guanxumas

...além de 20 outras invasoras de folhas largas!

É ESPECIALMENTE INDICADO PARA O PLANTIO DIRETO.

Uma vez que:

- E seletivo para a soja,

- Não afeta as culturas subsequentes.
- Aplica-se unicamente onde existem as invasoras, em pós emergência.
- Não depende do solo, nem de matéria orgânica.
- Não deixa resíduos.
- Não é poluente.

Comprove você mesmo a eficiência de Bentafluid BR o Multi-Herbicida para a soja, adquirindo-o através das Cooperativas, revendedores ou diretamente da Herbitécnica Defensivos Agrícolas Ltda.

Distribuidor:
Herbitécnica Defensivos Agrícolas Ltda.
Londrina: Rua Brigadeiro Luiz Antonio, 299
Caixa Postal 2251 - Fone: 23-2626 (PABX)
Telex (0432) 195

Produtos Agrícolas 3M - Proteção para a cultura e segurança para o agricultor.

Produtos Agrícolas/3M
Caixa Postal 123 - Campinas - SP
Fone: (0192) 64-1700

3M

Jornal da Soja

PÓS-EMERGÊNCIA: Uma nova fase no plantio direto

Semear a lavoura diretamente no solo não preparado, através da abertura de sulcos com largura e profundidades suficientes e adequados para cobrir as sementes. Esse, em resumo, o princípio básico do plantio direto que assim, elimina a excessiva movimentação de terra e de máquinas peculiar aos sistemas de cultivo convencionais, onde o preparo de solo é feito por meio de arações e gradagens.

No plantio direto, nem mesmo os cultivos mecânicos são realizados, já que as infestações de plantas invasoras são controladas com herbicidas.

O plantio direto pressupõe, portanto, a proteção constante do solo através de cobertura vegetal, seja ela constituída pela lavoura em si, seus restos culturais, ou pelas ervas daninhas e a palhada delas resultante, após seu controle com herbicidas. E, ao absorver o impacto das chuvas, esta cobertura vegetal reduz o potencial erosivo da área em maior ou menor grau, dependendo do regime de precipitações, da topografia e das características físicas do solo. Essa proteção vegetal, conseqüentemente, também reduz a perda de fertilizantes por lixiviação, aumenta os teores de matéria orgânica e evita a formação de crostas na superfície, recompondo a porosidade do solo e melhorando os níveis de infiltração de água.

O PONTO CHAVE

O controle das plantas invasoras representa um dos pontos centrais para o plantio direto, pois com a eliminação completa da movimentação do solo antes, durante e após a semeadura, fica impossibilitado controle de invasoras por meio de capinas mecânicas. No plantio direto, as ervas daninhas presentes antes da semeadura precisam ser dissecadas através de controle químico, o mesmo acontecendo com as ervas que germinarem após a semeadura.

O herbicida para plantio direto deve permitir o controle das ervas independente da densidade, deve favorecer a formação de cobertura morta e não afetar a cultura a ser plantada, devido a problemas de fitotoxicidade. Além disso ele ressalta "as chuvas não podem afetar o seu desempenho, suas técnicas de aplicação devem seguir o padrão usual e seus custos devem se manter em padrões compatíveis com a cultura que se está implantando".

Os herbicidas hoje disponíveis no mercado permitem um elevado controle das ervas daninhas, embora para isso requeiram associações com produtos que ampliem seu espectro de ação, o que acaba representando uma contrapartida de elevação dos custos, além de aumentar os riscos de fitotoxicidade e exigir um grau de conhecimento maior para sua aplicação a nível de campo. Há uma nova geração de herbicidas pós-emergentes Basagran e Poast, que independem de preparo do solo, são seletivos às principais culturas da região Centro Sul e apresentam rápida degradação no solo. Essa geração de herbicidas não depende do tipo de solo e tampouco precisa de chuvas para sua ativação além de possibilitar apenas um "uso curativo", isto é pode ser aplicado somente em áreas onde invasoras representam riscos à cultura principal.

"Os herbicidas pós-emergentes - asseguram o controle das invasoras após a emergência, permitindo assim a redução e adequação de preparo do solo e plantio. São portanto, produtos chaves para a viabilidade de práticas conservacionistas, como é o caso do plantio direto".

EFICIÊNCIA E CUSTOS INFERIORES

Para o agricultor, muitas vezes a relação custo-benefício, na implantação de um sistema de plantio direto, pode parecer menos atraente, na medida em que este exige análise e correção de solo, nivelamento do terreno, escarificação ou subsolagem nos casos de áreas muito compactadas, terraceamento e adaptação ou compra de maquinários. No entanto, tais custos não podem ser exclusivamente avaliados sob o horizonte de uma única safra, já que o conceito de plantio direto, se projeta em termos prospectivos, "adequando o manejo conservacionista do solo a obtenção de rendimentos crescentes por área cultivada".

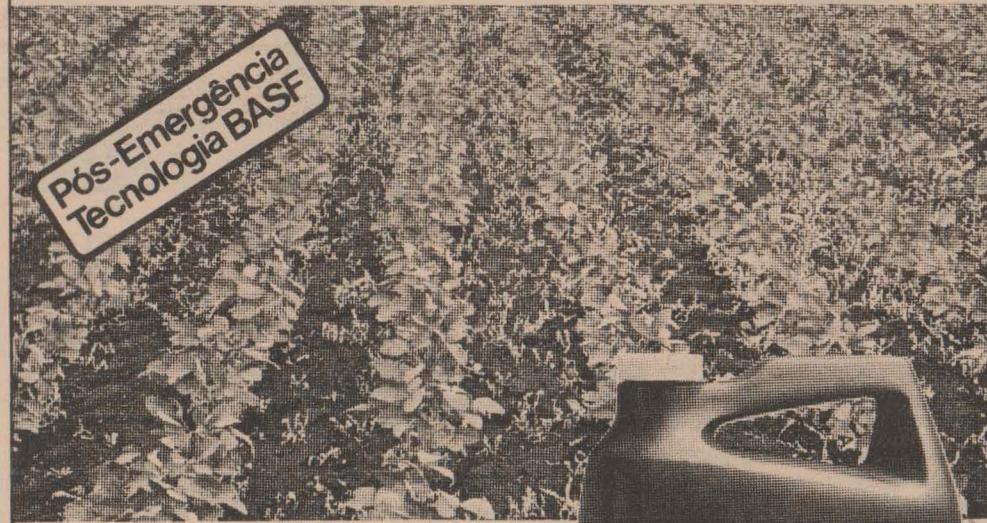
Assim, embora nos primeiros momentos de implantação o plantio direto possa mostrar uma certa equivalência com o sistema de cultivo tradicional quanto ao rendimento das culturas, a média de sucessivas safras de soja, por exemplo, chega a apresentar uma superioridade de cerca de 30 por cento para o plantio direto, frente às lavouras convencionais. Esse número reflete experiência de agricultores da região de Ponta Grossa, no Paraná, entre os quais levantamentos realizados nas três últimas safras indicam ganhos da ordem de 50 por cento nas colheitas de soja e 25 por cento nas colheitas de milho, com o plantio direto (3.200 versus 2.100 kg/ha para oleaginosas, e 8.000 e 6.500 kg/ha no caso do cereal).

Além disso, ao determinar a redução de operações mecanizadas, o sistema de plantio direto gera uma economia em combustível e lubrificantes ao redor de 50 por cento, corta em 60-70 por cento os dispêndios de tempo e mão-de-obra e diminui as despesas de manutenção dos equipamentos, ao mesmo tempo prolongando sua vida útil.

Avaliações feitas na cultura do trigo mostram, por exemplo, que para a formação de um hectare desse cereal o plantio direto consome cerca de sete litros de combustível e duas horas de trabalho, contra cerca de 35 litros e sete horas requeridos pelo cultivo convencional.

Em termos de rendimento de trabalho o plantio direto revela-se cerca de três vezes mais eficiente, isto considerando-se lavouras como soja, milho e trigo, em condições de cultivo da região Centro-Sul.

No controle das folhas largas acerte em cima com Basagran.



Pós-Emergência
Tecnologia BASF

Basagran é a solução certa para o controle pós-emergente das ervas de folhas largas que prejudicam a sua soja.

Certeza da eficiência: controla as invasoras nas linhas e entrelinhas.

Certeza de economia: aplicação localizada, diminuindo a área tratada.

Certeza de segurança: Basagran é seletivo para a soja e não deixa resíduos no solo.

Certeza de lucros: soja mais limpa e de qualidade muito melhor.

Na próxima safra você já sabe. Acerte em cima com Basagran.

O herbicida da certeza.



Tecnologia BASF
Impulso na produção agrícola

BASF

O ganho dos novilhos na pastagem consorciada

Uma avaliação das melhores forrageiras em termos de produção de carne e dos benefícios que poderiam trazer ao solo, era onde se pretendia chegar, quando em 1977 a Cotrijuí deu início no Centro de Treinamento (CTC), a um trabalho com novilhos precoces em cima de pastagens cultivadas e campos nativos melhorados. Os resultados destes seis anos de trabalho e dos sete lotes de animais que já passaram pelo CTC, estão comprovando o sucesso do sistema consorciado de pastagens. Mantendo uma lotação média de 2,7 unidades animais por hectare, o ganho médio de peso vivo anual por hectare tem alcançado, como mostra o gráfico 1, 773 quilos. O ganho de peso médio diário de um animal (ver gráfico 2), tem sido de 676 gramas.

Nos primeiros três anos os animais pastaram apenas a aveia com azevém no inverno e o milho no verão. A partir de 1980 foram implantados os trevos (branco, vesiculoso Yuchi e subterrâneo Clare). "Convém salientar", observa o Pedro Luís Maboni, responsável pela área de custos do CTC, "que a implanta-

ção dos trevos teve como objetivo principal melhorar a qualidade das pastagens oferecidas aos animais". Por ser uma leguminosa com capacidade de incorporar grande quantidade de nitrogênio ao solo, os trevos também atuam como melhoradores das características físicas, químicas e biológicas do solo.

Os resultados do trabalho com forrageiras consorciadas vai depender em muito do manejo das pastagens, que deverá ser feito de forma adequada. Os animais pastam nos trevos, aveia e azevém de meados de junho a meados de dezembro; e no milho de fevereiro a abril totalizando uma média de 270 dias na pastagem. No restante do período (implantação e desenvolvimento das pastagens), os animais permanecem em pastagens de menor qualidade, como a pensacola e a bermuda (Ver Cotrijornal de maio/83 - Implantação e Manejo).

RESULTADOS EXCELENTES

Os lotes de animais no período de 77/78 e 78/79 ainda não tinham os trevos à sua disposição, mas mesmo assim os resul-

tados em rendimento de carne foram excelentes (762 e 834 quilos respectivamente). Nos períodos de 79/80 e 80/81, os rendimentos de carne caíram um pouco (no período de 79/80 dois lotes de animais estavam em avaliação). Estes resultados, que podem ser constatados no gráfico 1, tiveram como causa principal alguns fatores climáticos, como secas que ocorreram nestes anos, prejudicando a germinação e o desenvolvimento das pastagens. Nos lotes de 77 a 79 e 82 a 83, as médias de produção de carne ao ano, permaneceram acima da média geral, que ficou em 773 quilos por hectare/ano. O lote terminado no período de 78/79 recebeu uma suplementação concentrada de alimentos, pois neste ano houve interesse em avaliar as principais características das carcaças dos animais, bem como os respectivos resultados econômicos.

O GANHO DO PESO DIÁRIO

O gráfico 2 mostra a média mensal do ganho de peso diário em gramas dos sete lotes de novilhos de ano e sobreano que passaram pelo CTC desde a implan-

tação do sistema. Em geral ocorreu uma queda no rendimento da carne no período de maio a agosto (582, 505, 580 e 486 gramas), mesmo com o sistema de pastagem consorciada. Isto se explica, pois estes meses normalmente são muito chuvosos, de pouca luminosidade, e as pastagens ficam prejudicadas, apresentando pouco volume e menor valor nutritivo. Mas os rendimentos seriam muito mais baixos se não houvesse pastagens de inverno. Quando as condições climáticas se apresentam extremamente desfavoráveis ao desenvolvimento das pastagens de inverno, os animais recebem alguma suplementação de feno ou silagem.

A recuperação volta a acontecer em setembro, outubro e novembro (quando ocorre o pique na produção das pastagens de inverno), e os animais chegam a ganhar mais de um quilo de peso diário. A média de ganho de peso destes três meses é de 584, 892 e 816 gramas por hectare. Em dezembro, final do ciclo das

pastagens de inverno, o ganho de peso diário volta a cair um pouco, mas não chega ao mesmo nível que ocorre nos meses de inverno, pois no verão existe abundância de pastos. O ganho de peso médio dos animais volta a crescer em janeiro, fevereiro e março (767, 745 e 814 gramas) e a cair em abril, fim do ciclo das pastagens de verão. No verão os animais pastam o milho consorciado com o feijão miúdo, apresentando um comportamento semelhante ao ganho de peso do mês de outubro, com resultado acima de 800 gramas diárias.

COMPORTAMENTO DO LOTE 82/83

O gráfico 3 mostra o comportamento de ganho de peso diário dos novilhos do CTC (25 animais), dos últimos 12 meses (82/83). A média de ganho de peso diário no ano ficou em 724 gramas, resultado acima da média geral (676 gramas/dia) dos últimos seis anos de trabalho.

No mês de junho aconteceu uma queda brusca de perda de peso nos animais, (menos 406 gramas diárias), em função das intensas chuvas que ocorreram de maio a junho deste ano que prejudicaram o estabelecimento e o desenvolvimento das pastagens. A partir do mês de julho a situação normalizou. Em setembro a média de ganho de peso diário atingiu 1.036 gramas, e em outubro (até o dia 20, quando os animais foram retirados da pastagem para serem abatidos), o ganho de peso alcançou 1.150 gramas. A média de ganho de peso diário dos animais do último lote ficou em 724 gramas.

Gráfico 1 - Produção de peso vivo Kg/ha/ano em consorciação de trevos, azevém e aveia no inverno, e o milho com o feijão miúdo no verão. CTC - Período de 1977 a 1983.

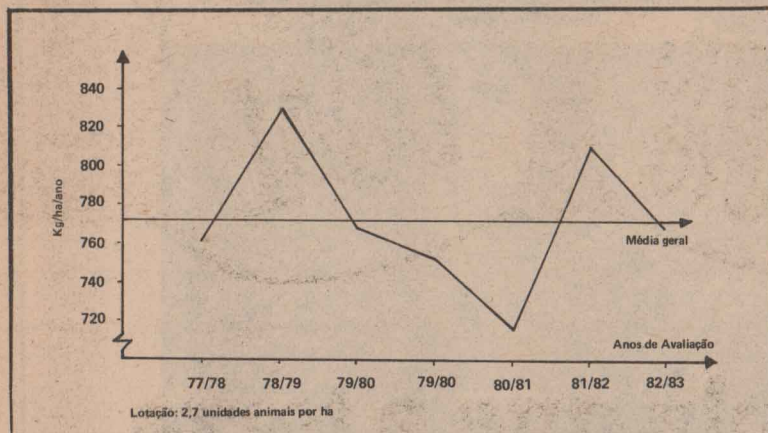
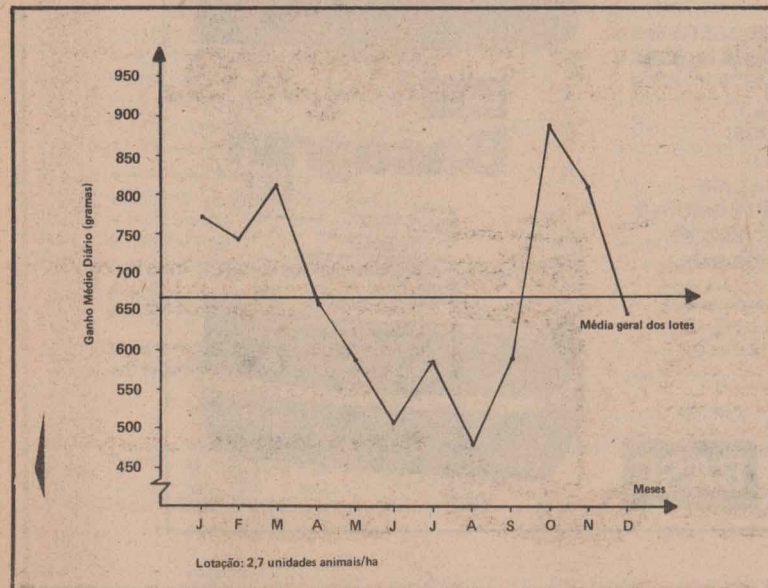
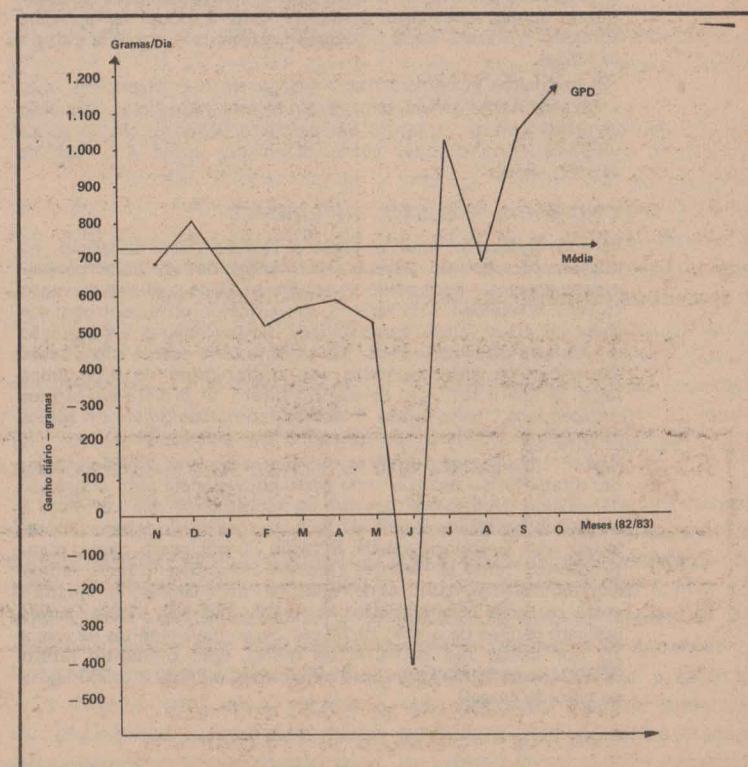


Gráfico 2 - Média mensal de Ganho de Peso vivo (grama/dia) de sete lotes de novilhos, sobre pastagens consorciadas de trevos (o branco, o vesiculoso, Yuchi e o subterrâneo Clare), com azevém anual e aveia. CTC - Período de 1977 a 1983.



MESES	G.P.D. - Gramas
Nov	681
Dez	800
Jan	766
Fev	506
Mar	560
Abr	575
Mai	517
Jun	-406
Jul	1.010
Ago	677
Set	1.036
Out	1.150
Média	724

Gráfico 3 - Média de ganho de peso vivo diário dos novilhos de ano e sobreano no CTC - em gramas - Nov/82/out/83.



Resultados comprovam a eficiência



Além do retorno econômico, o sistema eleva o potencial de produção do solo

O ganho de peso dos animais e mais os resultados econômicos tem comprovado a eficiência do sistema consorciado de pastagens que vem sendo desenvolvido desde 1977 no Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana. Os seis anos de trabalho com novilhos mantidos em pastagem consorciada (trevos, aveia, azevém e milho) estão comprovando que é possível produzir, em média anual, até 773 quilos por hectare mantendo uma lotação média de 2,7 unidades de animais por hectare durante o ano. "É um resultado muito bom", diz o Pedro Luís Maboni, tecnólogo em administração rural e responsável pela área de custos do CTC, "ainda mais quando comparados aos pesos conseguidos com animais alimentados em campos nativos, que dificilmente alcançam 100 quilos por hectare".

No ano da implantação das pastagens, o custo sempre será mais alto, em função de uma série de investimentos que se tem de fazer, como implantação de cercas nos piquetes, correção do solo, implantação dos trevos, entre outros. Estes custos deverão ser rateados pelos anos em que a pastagem permanecer produzindo. A partir do segundo ano o custo deverá baixar sensivelmente, pois os valores considerados serão apenas o da implantação do milho, no verão, e da aveia, no inverno. Os trevos e azevém têm potencial de ressemeadura natural, e se o manejo for seguido corretamente não haverá necessidade de novas sementes.

LUCRO NO PRIMEIRO ANO

Na intenção de mostrar as vantagens econômicas obtidas com o sistema de pastagens consorciadas, o Maboni fez os cálculos de gasto por gasto, e concluiu que atualmente o custo da implantação de um hectare de pastagem está estimado em Cr\$. . .

283.520,00 por hectare/ano. Na formação dos custos foram consideradas as despesas com combustível, lubrificantes, mão-de-obra, adubação corretiva, adubação de manutenção, depreciação das máquinas, o preço da semente, e o custo financeiro (juros) na base de 60 por cento ao ano. Para o cálculo dos custos dos novilhos não foi considerado o preço da aquisição dos animais e nem uma possível suplementação de feno e silagem, fornecida aos novilhos nas épocas mais críticas.

O trabalho que vem sendo realizado no CTC mostra que um hectare de pastagem consorciada tem mantido em média 2,7 unidades animais por ano. Estes animais ingressam na propriedade com mais ou menos 12 meses de idade e um peso de 200 quilos (a lotação média inicial é de cinco animais). A retirada dos animais destas pastagens ocorre por volta dos 24 meses de idade, a um peso médio de 450 quilos por hectare. Considerando que a lotação média por hectare ano tem sido de aproximadamente 1.200 quilos por animal, ou melhor 2,7 unidades animais por hectare, tem se conseguido um ganho médio de peso anual por hectare de 773 quilos.

Com a venda destes animais, obtém-se uma receita de Cr\$ 432.880,00. Tirando as despesas que ficam em Cr\$ 283.520,00, se obtém uma margem de lucro de Cr\$ 149.360,00 só no primeiro ano. No segundo ano as despesas ficam em Cr\$. . . 167.620,00, enquanto que a receita é de Cr\$ 432.880,00. O retorno é de Cr\$ 265.260,00 por hectare/ano. Todos os cálculos, segundo o Maboni, foram baseados em preços atuais. Ele salienta ainda que estes valores tem validade no máximo até o fim do mês de outubro. Tanto os preços dos insumos como também os de produção sofrem alterações constantemente.

CUSTO COMPARATIVO DE PRODUÇÃO ENTRE TRIGO-SOJA E NOVILHOS EM UM HECTARE. CTC - 1983

Atividades	Custo/Ano (Cr\$)	Rec/Ano (Cr\$)	Benefícios (Cr\$)
Trigo + Soja	364.736,00	530.000,00	165.264,00
Novilho	283.520,00	432.880,00	149.360,00

Obs: Trigo - produção de 1.200 quilos/ha
Soja - produção de 1.800 quilos/ha
Novilhos - produção de 773 quilos/ha

A VANTAGEM DA INTEGRAÇÃO

O Maboni ainda fez um custo comparativo de produção entre um hectare de trigo mais soja e um hectare com novilhos, na intenção de mostrar as vantagens econômicas que um produtor pode ter na propriedade com a integração lavoura/pecuária. A tabela abaixo mostra o custo por ano, a receita anual e mais o retorno de um hectare produzindo trigo e soja comparado com a produção de novilhos, também num hectare/ano.

Como mostram os números, desde o primeiro ano de estabelecimento da pastagem, mesmo com custos elevados, o sistema já apresenta uma receita, que a partir do segundo ano cresce ainda mais. Desta forma, a criação de novilho passa a ser mais uma alternativa econômica, proporcionando maior estabilidade na propriedade. De outro lado, o produtor que optar pelo sistema consorciado tem a vantagem de estar elevando a potencialidade de produção do seu solo, que permanecerá praticamente coberto por todo o ano.



Pedro Maboni: bom resultado



A dupla que a terra gosta de sentir, para produzir sempre.

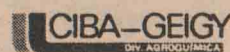
Com o plantio direto mais DUAL - o herbicida para a soja - todo mundo sai ganhando. Ganha o solo que fica menos sujeito a sucessivas passadas de grades, conseqüentemente, menos sujeito à erosão. Além disso, a terra vai melhorando as suas propriedades físicas, sua fertilidade e teor de matéria orgânica, aliados a uma maior retenção de umidade; fundamental para uma adequada germinação e desenvolvimento da lavoura.

Para o agricultor as vantagens se refletem no ganho de tempo e na grande economia de uso de maquinários, de combustível e mão-de-obra.



Eis, sobretudo, a vantagem mais importante: o controle da erosão, proporcionando a preservação de um patrimônio fértil e produtivo. É por isso que o plantio direto mais DUAL é a dupla que a sua terra gosta de sentir para produzir sempre.

Plantar bem para colher sempre.



A organização da comunidade

Departamento de Comunicação e Educação - Tenente Portela

É de interesse e necessário para o bom andamento de uma Cooperativa que o associado participe efetivamente. Esta participação ocorre de duas maneiras: através da integralização de capital (pela entrega de produção) e da discussão dos rumos da Cooperativa.

A crise que atingiu as Cooperativas desde o final da década de 70 e se acentuou mais nos dias de hoje, obrigou a uma revisão profunda do Cooperativismo por parte dos seus dirigentes. Passa a ocorrer uma aproximação entre o associado e a Cooperativa, colocando-os frente a frente nas discussões e busca de soluções.

Por outro lado, o associado tem exigido também cada vez mais que a sua voz

seja ouvida, que a sua posição seja valorizada dentro da Cooperativa. A Cotrijuí tem procurado de diversas formas manter um canal de ligação com os seus associados. Durante muito tempo esta ligação ocorreu via núcleo, através de seu líder. Com a criação da Estrutura do Poder, estes núcleos esfriaram um pouco, mas hoje sabemos que este sistema não pode desaparecer. Há pouco tempo atrás se discutia a validade da Estrutura do Poder com os representantes, e foi enfatizado que, apesar da existência do representante, deve existir o líder de núcleo. Também foi lembrado que para o representante executar suas tarefas, há a necessidade de que o núcleo ou núcleos que ele representa sejam

atuantes.

Em algumas Unidades da Regional Pioneira este trabalho de reorganização vem ocorrendo desde o ano passado. Agora é a Unidade de Tenente Portela que começa a deslançar neste sentido. O trabalho específico com esposas e filhas de associados vem acontecendo desde agosto do ano passado, e hoje já são oito núcleos organizados (sete em Tenente Portela e um em Miraguaí), atingindo aproximadamente 150 participantes. A maioria dos núcleos é localizada em zonas de minifúndio, onde as propriedades têm menos de dez hectares e as famílias são formadas, em média, por seis pessoas.

O primeiro núcleo formado foi o de Centro Novo

(Tenente Portela) em agosto de 1982; em setembro foi formado o segundo, em Sítio Gabriel, e logo se sucederam outros: Capitel Santo Antônio, Alto Azul, Manchinha, Burro Magro, Belo Horizonte e Sítio Gabriel (Miraguaí). É uma prova de que este trabalho traz bons resultados são as solicitações para a formação de novos núcleos. Inicialmente se partiu de atividades técnicas (tricô, crochê, alimentação), e dentro das solicitações dos núcleos se tem aprofundado discussões sobre Estrutura do Poder e participação da mulher, dentre outros assuntos.

Quanto a reorganização geral dos núcleos na Unidade de Tenente Portela não é uma tarefa muito fácil, pois ela reúne aproximadamente 3.450 associados distribuídos em 66 núcleos.

Fica claro para nós que quanto mais desenvolvido um grupo de pessoas, maior será a sua força. Por esta razão há a necessidade do produtor unir-se, fortalecendo suas entidades, sua comunidade e a si mesmo. Nenhuma fórmula é mais eficaz para resolver os problemas

do que discutí-los, lançar idéias, buscar juntos soluções para problemas em comum.

Como fazer:

- Juntamente com os Representantes Eleitos;
- Reunir os associados e familiares;
- Cadastrar os participantes e familiares;
- Escolher líderes;
- Levantar e discutir os problemas;
- Buscar soluções ou alternativas em conjunto.

Um núcleo organizado não será apenas um espaço exclusivo da Cooperativa. Será um espaço ou fórum de debates de todos os assuntos que dizem respeito a uma comunidade, a um grupo de produtores e familiares. Através do núcleo que se reúne e discute, há a oportunidade de participação sistemática e periódica de um número maior de produtores do que se conseguiria individualmente.

A meta é organizar o quadro social não só para as discussões relacionadas com a Cooperativa, mas para a sua organização em todos os sentidos dentro dos limites da propriedade e localidade onde mora, enfim, dentro da realidade em que vive.

TROCA-SE ERVAS DANINHAS POR SOJA.

FAZEMOS QUALQUER NEGÓCIO:

PRÉ-EMERGÊNCIA,
PRÉ-PLANTIO INCORPORADO
E PLANTIO DIRETO.

Tratar com
LEXONE®
na sua cooperativa ou
revendedor mais próximo.



SINDICATO RURAL DE SANTO AUGUSTO

ELEIÇÕES SINDICAIS EDITAL DE CONVOCAÇÃO

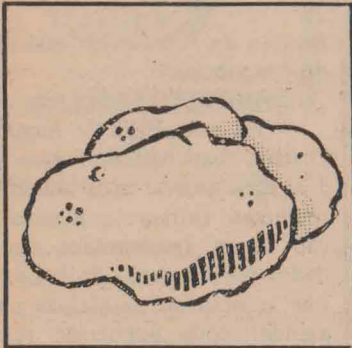
Pelo presente edital, faço saber que no dia 26 de janeiro do ano de 1984, no período das 8h30min às 17,00 horas, na sede desta entidade sita a rua São João 260, será realizado eleições para composição da Diretoria, Conselho Fiscal e Delegados-Representantes junto à FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - FARSUL a que está filiado esta entidade, bem como de suplentes, ficando aberto o prazo de 20 (vinte) dias para o registro de chapas, que correrá a contar da data da publicação do Aviso Resumido deste edital, nos termos do Art. 17 da Portaria MTB nº 3.437, de 20 de dezembro de 1974. O requerimento acompanhado de todos os documentos exigidos para o registro, será dirigido ao Presidente da entidade, podendo ser assinado por qualquer dos candidatos componentes da chapa. A Secretaria da entidade funcionará, no período destinado ao registro de chapas, no horário das 8,00 às 18,00 horas, onde se encontrará à disposição dos interessados pessoa habilitada para atendimento, prestação de informações concernentes ao Processo Eleitoral, recebimento de documentação e fornecimento do correspondente recibo. A impugnação de candidaturas deverá ser feita no prazo de 05 (cinco) dias, a contar da publicação da relação das chapas registradas. Caso não seja obtido quorum em primeira convocação, a eleição, em segunda votação, será realizada no dia 03 de Fevereiro do ano de 1984 e, não conseguindo o quorum na segunda convocação, a eleição, em terceira votação, será realizada no dia 10 de Fevereiro do ano de 1984. Em caso de empate entre chapas mais votadas, realizar-se-á nova eleição no prazo de 15 (quinze) dias.

As eleições serão realizadas das 8h30min às 17,00 horas.

Santo Augusto, 21 de outubro de 1983

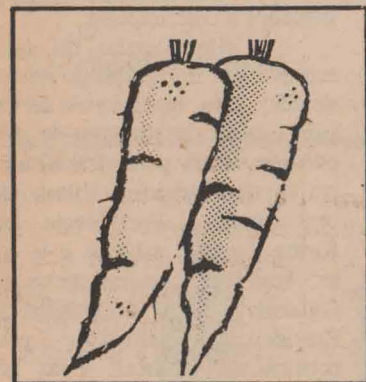
Nerci Liberato da Conceição
Presidente

A lavoura do mês



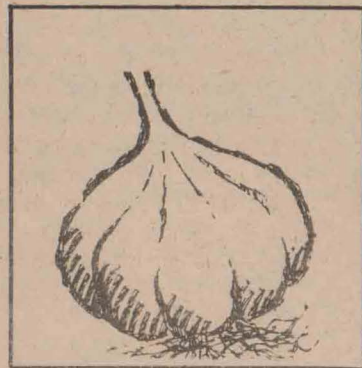
BATATA

As lavouras de batata na região estão desenvolvendo-se muito bem, com as condições de clima favoráveis à cultura. As sementes básicas distribuídas das variedades de maior valor comercial igualmente estão comportando-se bem. Por esta razão, sugere-se que os produtores interessados no plantio destas variedades procurem observar o desempenho das lavouras em sua região, para já se definir em relação ao próximo ano. Caso as condições do tempo se tornarem menos favoráveis, talvez se façam necessários alguns tratamentos com fungicidas. A orientação para a aplicação destes produtos pode ser obtida junto ao Departamento Técnico da Cotrijú.



HORTALIÇAS DIVERSAS

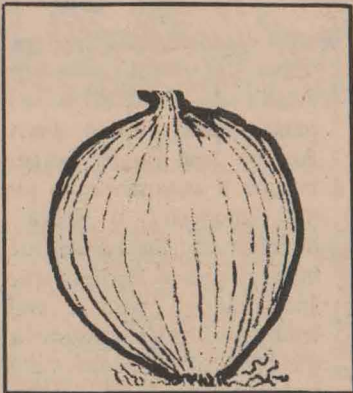
As hortas domésticas, assim como as comerciais, melhoraram significativamente sua situação. As chuvas, apesar de intensas, têm sido melhor distribuídas, e os dias com sol e alta luminosidade têm feito as plantas crescerem bem. Assim, a cenoura, beterraba e alface que têm sido colhidas nesta época são de excelente qualidade, sem a necessidade do uso de defensivos. As hortaliças específicas de verão, como o tomate, melão, melancia, abóbora e pimentão, também estão desenvolvendo-se bem, e se continuarem as condições favoráveis poderão ter boa produtividade.



ALHO

As lavouras de alho do grupo precoce já estão em início de

colheita, apresentando um rendimento razoável. O tamanho dos bulbos foi um pouco afetado em consequência das chuvas no início do ciclo, o que retardou o plantio. As variedades tardias, como "Portela" e "Roxo", estão desenvolvendo-se bem e começando agora a formar os bulbos. A previsão é que estas variedades alcancem um bom desenvolvimento. Alerta-se os produtores para que não apressem o processo de corte da rama antes que o alho esteja curado. O corte muito cedo provocará o achatamento do alho e, conseqüentemente, a perda de peso e valor comercial



CEBOLA

As lavouras de cebola estão aproximando-se do período de colheita, apresentando um

bom desenvolvimento da parte aérea e na formação de bulbos (cabeças). Está ficando bem evidente nesta safra um aspecto muito importante: a necessidade de usar variedades bem adaptadas a esta região. Neste ponto, a Baía Periforme produzida pela cooperativa está tendo excelente desempenho. É importante que os produtores que cultivam pequenas áreas com cebola, para consumo próprio, escolham um local para guardar o produto. A sugestão é que a cebola seja pendurada em molhos no galpão, evitando deixá-la esparramada ou amontoada no chão.

FRUTÍFERAS

O pêssego, ameixa, pera e videira, que são as principais frutíferas de verão cultivadas nesta região, estão apresentando, em sua maioria, uma situação excelente. Os pêssegos precoces já estão iniciando a maturação e a maioria dos pés não necessitam tratamento com defensivos. Já os pessegueiros tardios e ameixeiras normalmente exigem a aplicação de produtos químicos ou a proteção dos frutos, pois desenvolvem-se em períodos mais quentes e, portanto, mais sujeitos à incidência de pragas.

QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIEDADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m2 Coração de Boi e Matzukase				12 m2 Matzukase, Chumbinho				12 m2 Matzukase, Chumbinho	
Couve			12 m2 Manteiga				12 m2 Manteiga					
Rabanete	4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada		
Cenoura			18 m2 Nantes						18 m2 Kuroda			
Alface	12 m2 Kagriner e Maravilha verão		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Kagriner e Maravilha verão		12 m2 Kagriner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m2 Tall Top						18 m2 Tall Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 pl. Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baía Periforme	2.000 plantas Baía Periforme								

COLHEITA DO MÊS: (para quem segue as sugestões de plantio do quadro acima): Rabanete, Rúcula, Alface, Tomate, Pepino, Repolho

Milho: O suporte de sua propriedade.

O milho é uma das poucas culturas que pode ser totalmente aproveitada em sua propriedade. Desde a alimentação direta de seus animais, como em forma de rações, silagem, pastagem, até a alimentação de sua família, das mais variadas formas, comercialização de grãos e ainda aproveitamento da palha e sabugo. Plante mais milho e veja sua propriedade render muito mais.

PIONEER: Os milhos híbridos campeões em produtividade para sua lavoura.

SEMENTES MARCA **PIONEER**
PIONEER SEMENTES LTDA.
Santa Cruz do Sul - Porto Alegre - Santa Rosa - RS
Campinas - SP / Itumbiara - GO

PIONEER - Marca Registrada ou usada nos países do mundo pela PIONEER HI-BRED INTERNATIONAL, INC.

O protesto da previdência

Em várias cidades do Rio Grande do Sul, o dia 25 de outubro foi marcado por manifestações de pequenos agricultores e trabalhadores rurais. Reunidos em assembleias municipais ou regionais se voltou a protestar contra o tipo de assistência e benefícios recebidos através da Previdência Social Rural. As concentrações serviram também para reforçar a exigência de que o Ministério da Previdência desengate um projeto de mudança da lei elaborado pelo movimento sindical brasileiro, encaminhando-o para votação no Congresso Nacional (veja no Cotrijornal de setembro/83). No mesmo dia os trabalhadores urbanos fizeram também seu protesto nas grandes cidades. Apagando as luzes e batendo painéis demonstraram que não aceitam a política econômica que está trazendo o arrocho salarial e a sucessão de decretos que só prejudicam a classe trabalhadora.

Na área de ação da Cotrijuí as manifestações aconteceram em quase todos municípios da Região Pioneira. A exceção foi Jóia e Chiapetta, mas os agricultores deste último município se deslocaram até Santo Augusto, participando da assembleia que ali foi realizada. Os sindicatos que organizaram este dia de protesto seguiram a decisão tomada num encontro estadual realizado dia 31 de agosto, em Porto Alegre, quando estas assembleias foram definidas como mais um passo no encaminhamento da luta.

O Cotrijornal conseguiu acompanhar de perto duas assembleias, a de Ijuí e de Augusto Pestana. Com pequenas variações de um lugar para o outro, as manifestações tiveram praticamente o mesmo sentido em todos os municípios. Além da Previdência — motivo principal que fez tantos agricultores deixarem por um dia seu trabalho na lavoura — as assembleias ainda serviram para denunciar outros problemas enfrentados por quem vive no meio rural: a questão dos preços dos produtos agrícolas e o problema da terra, cada vez mais concentrada nas mãos de poucos e de difícil acesso principalmente para os jovens rurais.

TRIBUNA LIVRE

Em Ijuí mais de 500 pessoas se reuniram na cripta da Igreja São Geraldo, contando ainda com o apoio de representantes de trabalhadores urbanos. Numa tribuna livre, tanto os homens como as mulheres e os jovens falaram de seus problemas. Israel da Rocha, por exemplo, perguntava "aonde é que está o dinheiro da Previdência que nós pagamos? Querem mais prova de que nós pagamos do que o nosso modelo 15?". Numa das muitas faixas espalhadas pelo local também se falava desta questão financeira da Previdência, com o pedido de "Dinheiro da Previ-

dência para a Previdência", servindo como protesto pelo desvio destes recursos para outras áreas, como construção de usinas hidroelétricas, atômicas, rodovias e prédios suntuosos. Outras faixas diziam o seguinte: "Mauá está de luto. Morreu a Previdência"; "Agricultor não é meio homem" (referindo-se ao valor de meio salário mínimo recebido como aposentadoria); "Aposentadoria para a mulher rural"; "Saltinho contribui e quer seus direitos"; "Unidos ninguém nos pisará".

Ivone Hartmann, do Saltinho, falou o que muitas mulheres gostariam de ter dito: "temos que nos unir, lutar, bater boca, falar feio ou bonito, agir, pedir e se reunir. Eles não querem nos dar aposentadoria, mas descontam 2,5 por cento de tudo que a gente produz, até de uma dúzia de ovos, um litro de leite. Vamos ter que esperar nossos maridos morrerem para receber este dinheiro? Eu não queria este dinheiro assim". Ivone falou também do problema de falta de escolas no interior e da terra, lembrando que "existe crédito para comprar roupa e eletrodoméstico, mas não se consegue financiamento para comprar meia colônia de terra".

TAPAR O ROMBO

Armando Manhabosco, do Barreiro, contou que era de "doer o coração, o agricultor perder um dia de serviço para vir exigir um direito". Os jovens Ademar Vilson Hoesle, da Linha 6 Norte, e Vera Godoy, do Saltinho, pregaram a união de todos na luta da Previdência. Cláudio de Jesus, do Salto, lembrou que a vitória dos agricultores virá através da organização, "e para nós estarmos organizados precisamos estar conscientes, saber o que está acontecendo". Elivia Grade, de Itai, reforçou as reivindicações do projeto dos agricultores, destacando a necessidade da mulher também se aposentar. Irineu Vettoratto contestou o projeto de Previdência que está sendo anunciado pelo Minis-

tério, dizendo que "querem nos impor um projeto para tapar o rombo da Previdência, e não para atender nossos direitos". Avelino José Duarte perguntou porque a televisão e os jornais não anunciam o desvio do dinheiro da Previdência. Também apoiou a reivindicação de aposentadoria para a mulher, lembrando que ela assume a dupla tarefa das atividades domésticas e do trabalho da lavoura.

Anselmo Schorn criticou o engavetamento do projeto dos agricultores, enquanto tantos decretos do Governo são aprovados em poucos dias. Segundo ele, isso "acontece porque o projeto é feito por milhares de brasileiros, e só deve valer o que é feito por meia dúzia de tecnocratas". Anselmo também criticou a atitude dos médicos que estão usando os pacientes para protestar contra a

verba que recebem da Previdência. "Em vez de valer dos pacientes, de não atender quem precisa de médico, eles deviam se unir com os trabalhadores para reivindicar as mudanças necessárias". João Cassavara, da Linha 11 Leste, falou da necessidade de união entre os trabalhadores rurais e urbanos, "que são duas classes esmagadas".

A tribuna livre teve até seu momento artístico, quando Lourenço Francisconi e Ireno Spanemberg fizeram uma trova que teve como tema exatamente o problema da Previdência. Um dos versos dizia o seguinte: "Prôs irmãos do Sindicato, acho que está indo mal, estão acontecendo coisas muito fora do normal, estão deixando no abandono nosso jovem rural". Outra trova falava da mulher: "Pois a mulher só trabalha ao longo de sua vida, e em

assunto da Previdência, está sendo esquecida".

AUGUSTO PESTANA

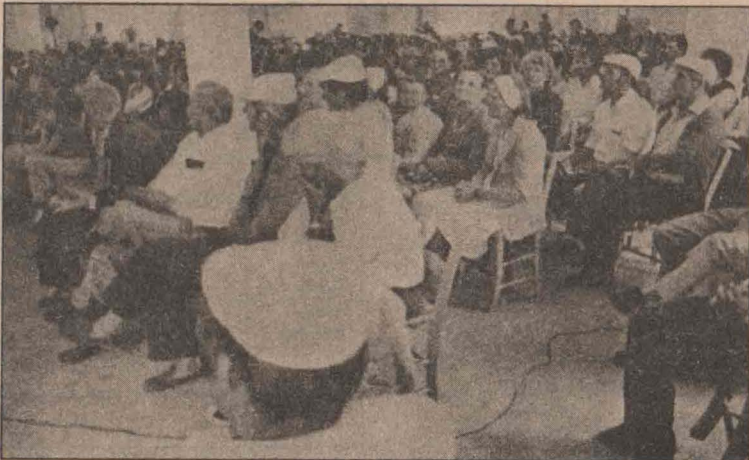
Na assembleia de Augusto Pestana participaram cerca de 120 agricultores, entre homens e mulheres. Durante a manifestação foram apresentados alguns dados sobre a verba do Funrural que retorna ao município para atender toda população rural, que é de 8.876 pessoas, contra 2.739 habitantes na cidade. Entre aposentadorias, assistência médica e outros benefícios, Augusto Pestana recebe por mês cerca de Cr\$ 12.200 mil, sendo que mais de Cr\$ 10 milhões correspondem apenas ao pagamento das aposentadorias.

Problemas específicos de atendimento no hospital também foram abordados, especialmente o impasse envolvendo um anestesista. Este médico foi credenciado para trabalhar no município, mas que não é aceito pelo corpo clínico do hospital, que se recusa a dividir com ele a verba do Funrural. Foi decidido pelos participantes do encontro que os agricultores deverão participar da próxima assembleia do hospital, já que a instituição pertence à comunidade.

A arte popular foi apresentada por um grupo do núcleo de São João, que através de um canto falou da situação de dificuldade vivida pelos trabalhadores rurais e urbanos, abordando temas como a Previdência, Reforma Agrária, salários e a crise. Mulheres e jovens se manifestaram a favor do projeto da Previdência elaborado pelo movimento sindical, e as faixas que alguns dos presentes trouxeram afirmavam: "Agricultor unido jamais será vencido"; "Queremos nosso projeto aprovado".

PROPOSTA: CONCENTRAÇÃO

A continuidade da luta da Previdência foi definida de forma semelhante nas duas assembleias e também nas mobilizações realizadas em outros municípios: realizar uma concentração estadual, em Porto Alegre. Cada sindicato levará um grupo de agricultores para a capital, como forma de pressão e sinal da união dos trabalhadores rurais na luta da Previdência. Outras formas de pressão também foram definidas em Ijuí: estudar formas de reter o recolhimento da contribuição do Funrural, congelando o desconto dos 2,5 por cento nas cooperativas e em firmas que comercializam produtos agropecuários; cada núcleo elaborar uma carta para enviar aos deputados da região exigindo seu apoio ao projeto; reivindicar que o dinheiro pago para a Previdência seja aplicado unicamente na Previdência. No geral, a idéia é continuar se organizando em torno desta luta, assegurando uma vitória do movimento dos trabalhadores.



Em Ijuí se falou também do problema da terra e dos preços agrícolas



Problemas de atendimento foram lembrados em Augusto Pestana



As assembleias foram mais um passo no encaminhamento de uma luta que já conseguiu algumas vitórias



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUÍ

Minha professora é...

Psii! Vou-lhes contar alguns segredos.

Dizem que o tempo passa, que as pessoas mudam e coisa e tal. Mas, cá entre nós, criança não tem valor medido pelo tamanho. Uma coisa que muita gente ainda não aprendeu, infelizmente. Sabemos que as professoras estão "dando duro" nas escolas, apesar do baixo salário, fazendo com que as crianças cresçam, algumas bem devagarinho, outras com muita pressa, mas cada uma encontrando seu lugarzinho.

Conversamos com algumas cabecinhas travessas das escolas de Ijuí. E os segredos estão aí, para quem quiser ler. Respostas peraltas, mas de muita seriedade.

Lidiane Helena Oliveski Ayres - 7 anos - E. M. Soares de Barros - "Minha professora é bacana que nem uma banana. Ela tem uma panca, que até me espanta".

Glauce de Almeida - 9 anos - E. M. Soares de Barros - "Sinceramente é uma professora e tanto, para fazer o que faz. Trabalha todo o dia e ainda aguenta a nossa turma. Tem dias que ela se vê "azul" de tanto barulho, mas com jeito ela aguenta firme".

Jorge Jaguzequi - 11 anos - E. M. Soares de Barros - "... é muito boa. Ela me botou para fora da aula, mas ela tinha razão. Ela tem que dar duro sim e não moleza."

Neuza Marcelino dos Santos - 11 anos - E. M. Soares de Barros - "... é bonita e cheirosa."

Rodrigo Barriuello Pinto - 7 anos Escola Francisco de Assis - "É brincalhona e boa. O que eu mais gosto dela é o jeito dela".

Daniela Fricke - 7 anos - Colégio Evangélico Augusto Pestana - "É muito boa e só grita quando nós fazemos bagunça. O dia da profe é 15 de outubro e também todos os outros dias".

Fábio Agert - 7 anos - Escola Francisco de Assis - "... é um pouco gorda, mas eu não me importo com isso. Quem diz que é feia está enganado. E quando ela xinga, eu sei que está com a razão porque a bagunça que a gente faz... Outro dia ela me xingou tanto... tanto, que eu cheguei a rir baixinho... Ela tem o apelido de Cida".

Manoel de Souza - 3 anos - Escola Francisco de Assis - "... é a mais bonita do mundo".

Luiz Henrique Bussmann - 4 anos - Escola Francisco de Assis - "É mais... mais... bonita".

Tiago Martel - 5 anos - Escola Francisco de Assis - "É muito boa e faz a gente crescer."

Leila Troian - 6 anos - Escola Francisco de Assis - É muito querida e ensina prá gente o que a gente não sabe.

Rafael Schneider - 6 anos - Escola Francisco de Assis - "Tenho muito carinho por ela, porque ela faz a gente ficar muito inteligente. Gosto de recortar, fazer montagem, desenhar e criar histórias aqui na Escolinha junto com ela. E ainda me ensina muitas coisas".

Cassio Alexandre Bertoldo - 9 anos - E. M. Soares de Barros - "Gosto muito dela. Ela também gosta de mim. Este ano está pra mim passar e não rodar".

Helena Z. da Silva - 10 anos - E. M. Soares de Barros - "... é um amor e tem um bom senso de humor. Às vezes ela está nervosa e grita, mas eu entendo, porque ela é casada tem a casa pra cuidar, um filho para criar".

Daniela Klimiuk - 8 anos - Escola Francisco de Assis - "... ela é gorda e bonita. Às vezes ela xinga porque nós fizemos, folia. Às vezes ela brinca com nós. É charmosa e legal."

Luciana Brum Teixeira - 7 anos - Colégio Evangélico Augusto Pestana - "Ela é boa, só que eu queria ficar com a professora Rosa."

Letícia Cristmann - 8 anos - Escola Francisco de Assis - "É muito querida, só que dá xingões. Às vezes ela dá castigos. É quando nós não fazemos o tema, daí a gente fica sem recreio, fica fazendo o tema".

Leandro Barbian - 4 anos - Escola Francisco de Assis - "É bonita e um pouco feia e deixa a gente ficar cada dia mais inteligente".

Daniela Bittencourt - 7 anos - Escola Francisco de Assis - "... é querida. Eu gosto dela. Gosto de fazer os trabalhos que ela diz pra gente fazer que é: desenhar, pintar, contar, recortar, modelar, inventar histórias e fazer teatro, só."

Raquel Silva Barcellos - 6 anos - Escola Francisco de Assis - "É querida. Eu gosto da Escola e da profe. Gosto de desenhar..."

Andréia Amaral - 7 anos - E. M. Soares de Barros - "Minha professora é como a mulher biônica. Assim como está na sala de aula, some para a secretaria. Quero ser como ela quando eu crescer".

Bárbara Costa Bardini - 8 anos - Escola Francisco de Assis - "... é bem engraçada. Ela conta piadas e inventa contos e eu também inventei um pra ela".

Alexandre Amaral - 7 anos - E. M. Soares de Barros - "... é beijoqueira, mas não é beija-flor. ... é alegriinha, mas quando fica braba fica tristonha".

Raquel Vercelino da Silva - 8 anos - E. M. Soares de Barros - "A minha profe tem umas canelinhas bem fininhas. Mas que canelinhas sem vergonhas."

Cristopher Schneider - 8 anos - Escola Francisco de Assis - "... ela é um barato. Tem a letra mais bonita da escola. Eu gosto muito dela".

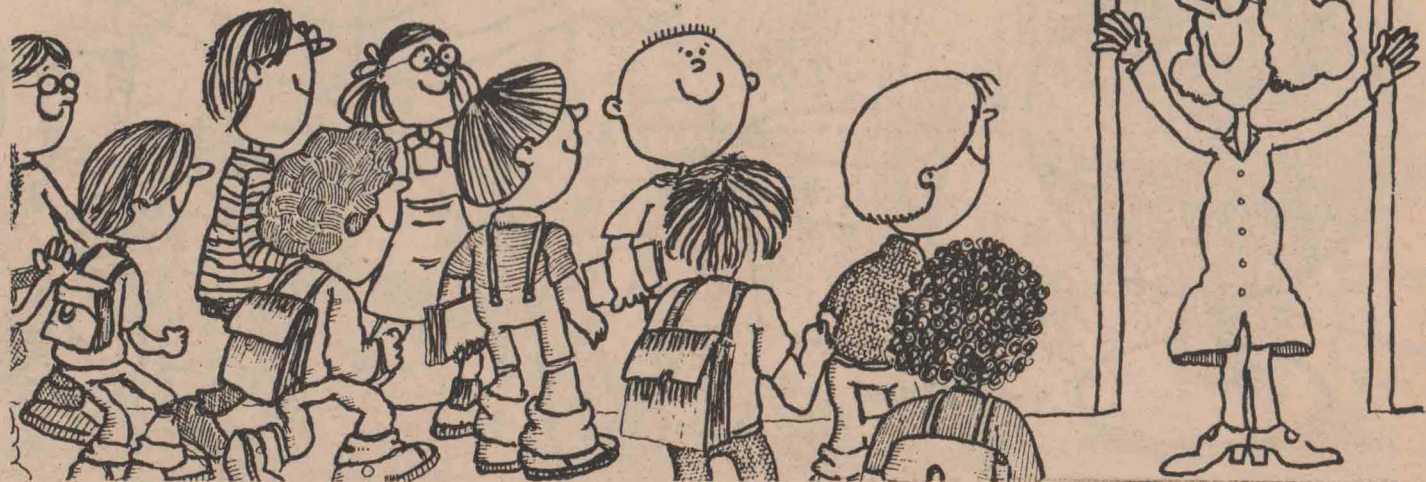
Josiane L. Turcato - 4 anos - E. M. Soares de Barros - "É querida e boa e os dentes dela são bem pequenos".

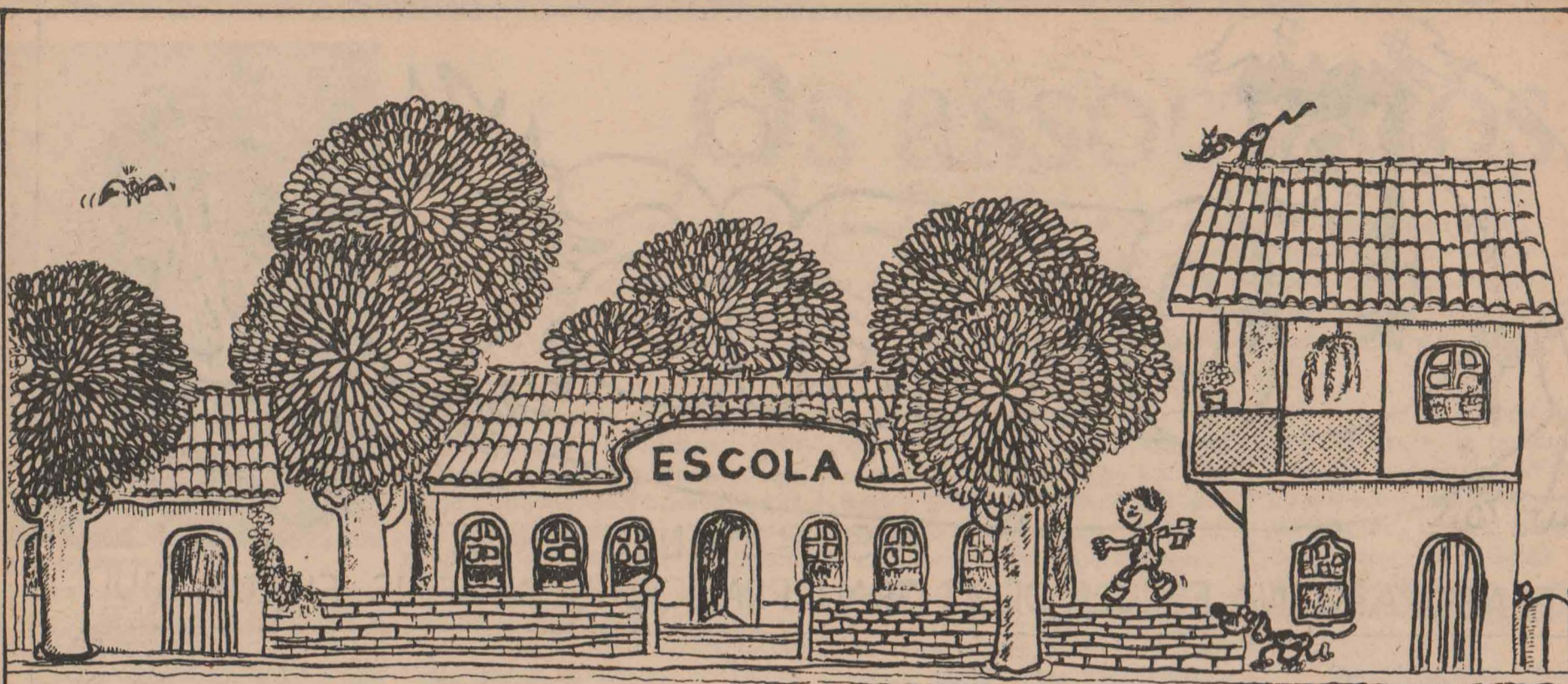
Adriana Barbosa - 6 anos - Escola Francisco de Assis - "É querida. Cuida bem da gente. Me deixa mais sabida. A gente gosta de brincar na escola."

- o - o - o -

É isso aí. O trabalho dos professores cansa e é difícil, porque eles precisam fazer com que 30 ou 40 crianças aprenda cada dia, uma coisa nova. Todo dia, um pouco mais, sem parar.

Mas eles vão continuar dando sua vida para que aumentem o número de escolas e o de salas de aula, já que 3 milhões de crianças de 10 a 14 anos não vão à aula porque precisam trabalhar. E muitas ainda não têm escolas.





Jandira Mansur
Ilustrações: Michele

O jogo do contrário

Quem for curioso e quiser saber o que é o jogo do contrário venha conhecer Manequinho.

Ele é um menino que sabe que as coisas são como são, mas que também podiam ser do contrário.

Se de dia é claro e de noite é escuro, será que o que é assim de dia, de noite não será do contrário?

Pensando desse jeito, Manequinho tudo faz igualzinho a todo o mundo. Mas em tudo o que faz só ele é quem vai vendo o contrário acontecendo.

De manhã bem cedinho, comendo um restinho de pão, Manequinho vai andando com os livros da escola na mão.

A escola está pertinho, um pouco correndo, um pouco andando, Manequinho vai pensando:

"Se de dia é claro e de noite é escuro, se a escola é assim de dia, de noite será do contrário?"

Na escola do contrário os alunos vão chegando. Já está quase na hora, todos já estão entrando. O sinal já vai bater, sentados nas carteiras ouvem a professora dizer:

— Vamos começar a aula que está na hora de brincar, até a hora do recreio não quero ver ninguém estudar.

Assim Manequinho acha que é a escola do contrário: em vez de estudar todos têm é que brincar.

Aritmética, Linguagem, Geografia e Ciências, só na hora do recreio; durante o tempo da aula só brincar de cabra-cega, de corda e de pega-pega.

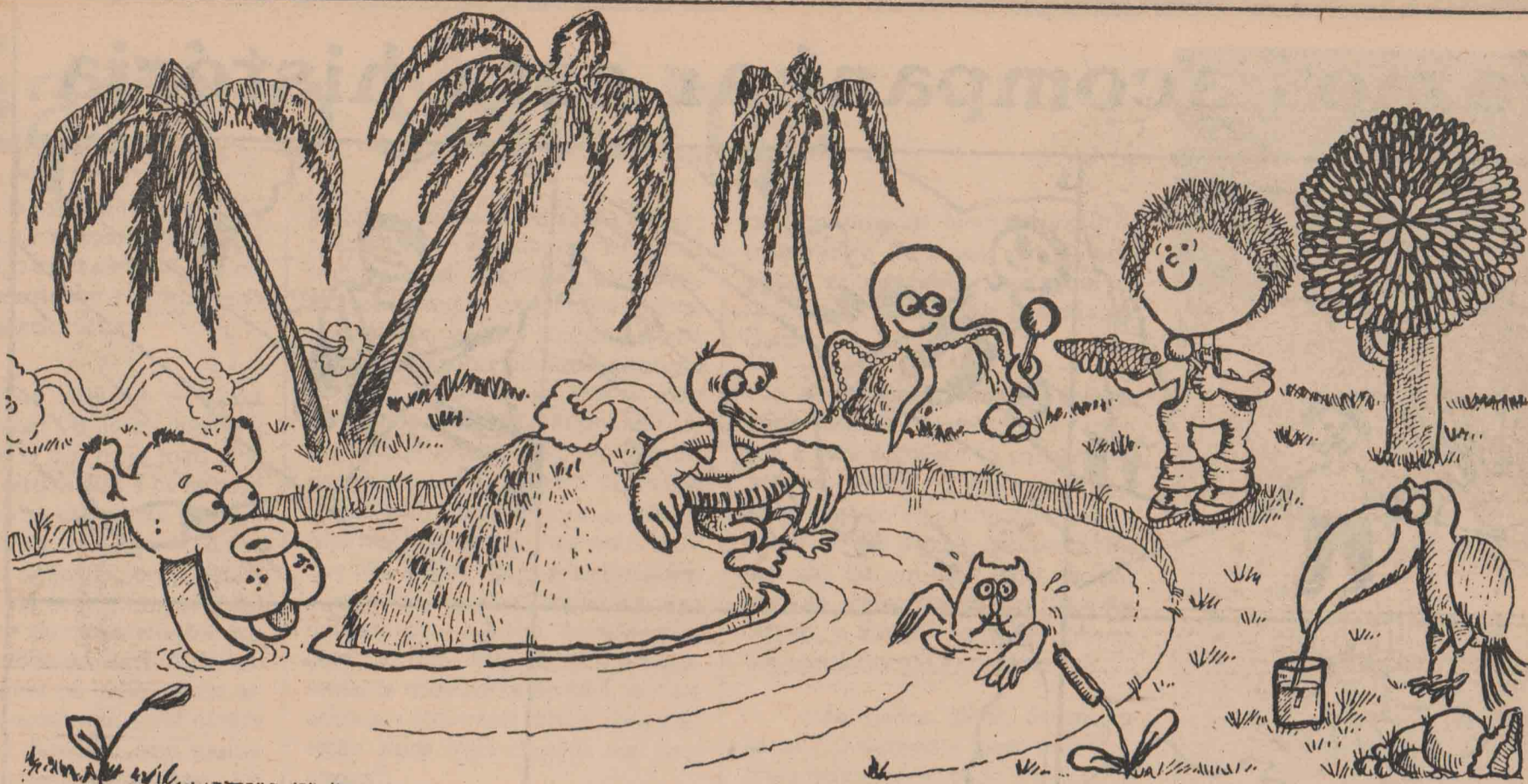
Voltando da escola, Manequinho vai almoçar, mas a comida atrasa, e ele começa a fazer a brincadeira de casa.

A comida ficou pronta está na hora de almoçar. Manequinho está comendo mas não deixa de pensar:

"Se de dia é claro e de noite é escuro, se de dia comer é assim, de noite será do contrário?"

De dia a gente almoça porque está na hora. De noite só come quem está com muita fome. No almoço do contrário todos têm que comer doces, cremes e chocolates; só no fim é que vai ter um bife mal passado. Mas só quem tomou o refresco pode comer sobremesa; quem não bebeu tudo, vai ter que sair da mesa. →





O almoço já terminou. Manequinho vai passear, andando na calçada ele começa a pensar:

“Se de dia é claro e de noite é escuro, de dia o Zoológico é assim de noite deve ser do contrário”.

No Zoológico do contrário os bichos estão passeando, as pessoas que entram coisas gozadas vão vendo. Bem no meio do caminho a gente vai encontrar um elefante preocupado porque está muito magrinho. Parado no meio da grama, uma zebra sozinha está tentando abotoar seu pijama de bolinha. E lá mais adiante coisa incrível de se olhar: um camelo ensinando um pato a nadar. Mas o pato está de bóia com medo de se afogar.

E no Zoológico do contrário quem não comer espiga, sorvete e pirulito vai ficar com dor de barriga.

Um bicho preguiça, dançando com animação, faz uma cobra espantada levar um escorregão.

No Zoológico do contrário, é muito natural ver peixinho fora d’água tomando banho de sol.

Bem no meio do caminho uma girafa está descendo, para poder ver melhor duas tartarugas correndo.

No meio disto, embaixo d’água corrente, um pato muito tranqüilo está escovando o dente.

Já acabou o passeio. Manequinho está voltando, e no meio do caminho ele passa bem pertinho do cinema. Um pouco correndo, um pouco andando, Manequinho vai pensando:

“Se o dia é claro e de noite é escuro, se o cinema é assim de dia, de noite será do contrário?”

No cinema do contrário o preço é um sorriso, e ainda vem de troco um chocolate bem gostoso. Para ir neste cinema tem que ser criança. Gente grande só entra em filme muito sem graça.

No filme do contrário tem muito bicho e canção. As crianças entendem tudo, mas gente grande precisa de muita explicação.

No caminho para casa Manequinho vai pensando: se de noite no escuro também as pessoas são do contrário.

Deve cansar muito ser sempre igualzinho, todos devem mudar nem que seja um pouquinho.

Quem de dia no claro não acha nada gozado, de noite no escuro deve achar tudo engraçado.

Quem de dia no claro está sempre apressado, de noite no escuro deve ficar bem sossegado.

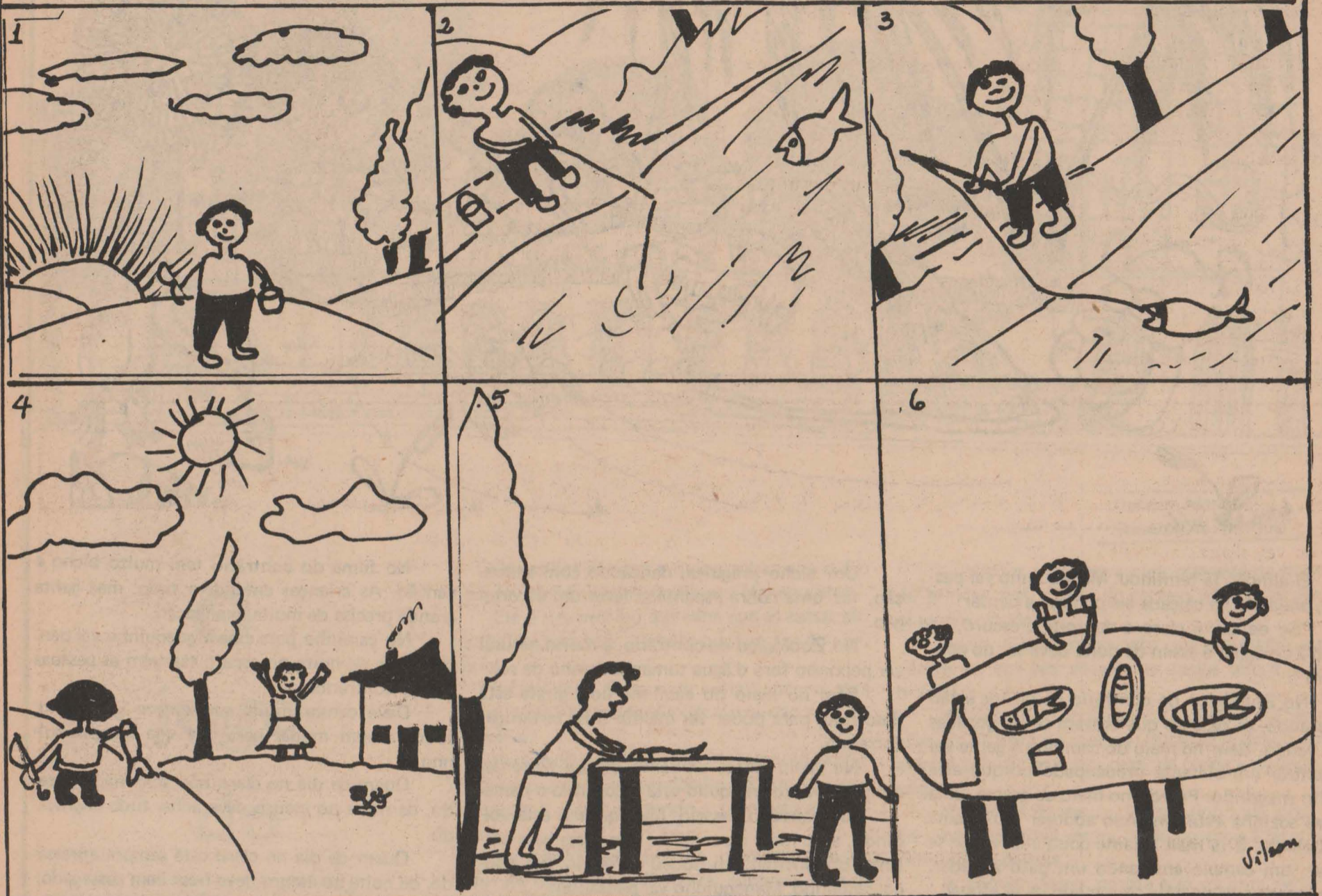
Quem de dia no claro fica sempre emburrado, de noite no escuro deve ficar muito animado

Quem de dia tem certeza que tudo o que faz é correto, de noite deve achar que o amigo é que está certo.

Se de dia que é claro a gente pensa no que passou, de noite no escuro se tem. . . saudades do futuro.



Vamos acompanhar esta história



Vilson Rusch, de 10 anos, estuda na Escola Estadual Souza Lobo – Linha 6 Oeste – em Ijuí. Após observar um açude de peixes, desenhou esta história em quadinhos.

Parabéns à professora Iracema Sausen, por dar espaço durante suas aulas, para que seus alunos possam expressar toda sua criatividade

de, partindo de fatos ligados ao meio em que vivem.

Agora você!

Observe os quadros na seqüência 1 a 6 – e escreva uma história sobre o assunto. Depois nos envie que vamos publicar.

O que aconteceu com as minhocas

No Cotrisol do mês anterior sugerimos para vocês uma experiência sobre as minhocas. Por certo muitos de vocês quiseram experimentar. Vamos aos resultados.

Observando uma minhoca, nota-se que seu corpo é formado por uma série de anéis, aproximadamente 150. Se vocês cortarem a minhoca em duas ou três partes, um anel a mais ou a menos não faz diferença pois a minhoca consegue formá-los novamente. Mas se o corte se faz antes do anel número 35, então a incisão lhe causa a morte. Isto quer dizer que uma das partes, precisamente a que contém a cabeça, em geral se regenera.

Retrato novo

Complete os versinhos colocando os nomes dos animais dos desenhos e depois monte as palavras cruzadas com esses mesmos nomes.

“Meu povo: precisamos de retrato novo!” disse o falante fazendo pose elegante.



“Chega de fotografia que não aumenta a sabedoria!” reclama a sonolenta.



“Muito bem lembrado!” suspirou a com pescoço bem esticado.



“Outra foto?” pergunta o tentando ficar de pé.



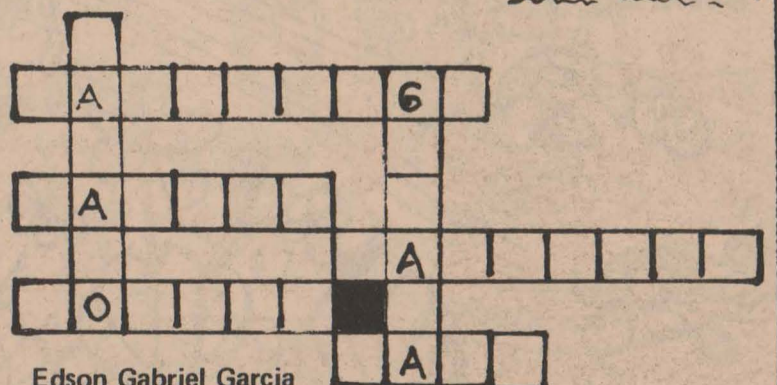
“Me ajudem! pediu a Preciso refazer a cobertura mas estou dura!”



E assim bichos de todo o se aproximam para tirar retrato!



“Que chato, que chato!” resmungou o coçando o sovaco.



Edson Gabriel Garcia